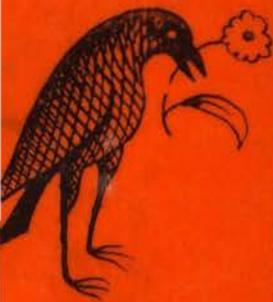


OLISIP

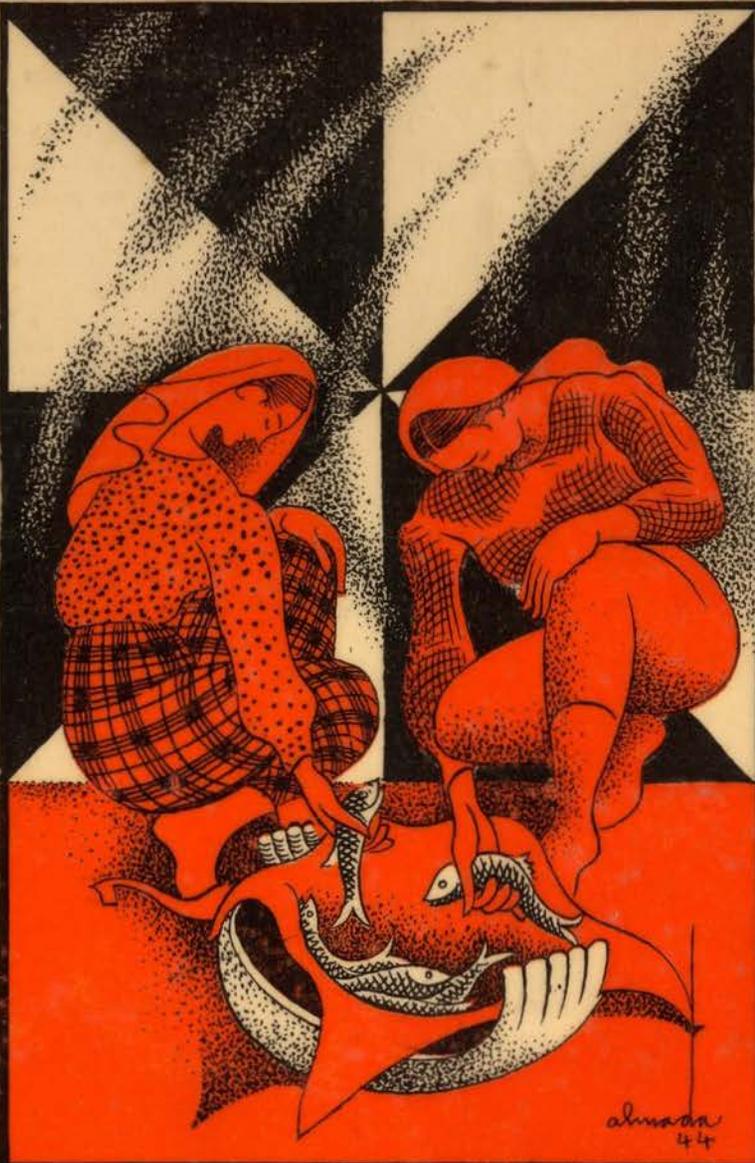
BOLETIM DO
GRUPO

"AMIGOS DE
LISBOA"



ANO
VII

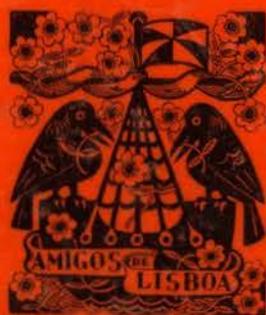
N.º
27



JULHO

1944

LISBOA



PÉROLA DO ROCIO, L.^{DA}

ENVIO DE ENCOMENDAS
Para todo o País e Estrangeiro

CASA ESPECIALIZADA EM:

Chá

Café

Bolachas

Bombons

Chocolates

Rocio, 105 — LISBOA

TELEFONE: 20744

Miguel A. Fraga, L.^{da}

OURIVESARIA, RELOJOARIA
E JOALHARIA

Grande sortido de **Monogramas**, em ouro e prata,
para carteiras.

Há sempre jóias em 2.^a mão

TUDO MAIS BARATO

OURO só pelo peso

Compra-se Ouro, Prata e Brilhantes

Descontos especiais a todos os
«Amigos de Lisboa»

ESPECIALIDADE EM ANÉIS, MEDALHAS,
ALFINETES, ETC., COM RETRATOS ES-
MALTADOS EM TODOS OS FORMATOS.

Rua da Palma, 26-28 — LISBOA

Casa Africana

Rua Augusta, 161 / Telef. 24264-65 P B X — Lisboa

R. Sá da Bandeira, 156 / Telef. 1361 P B X — Pôrto

Secção de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sêdas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador, estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrozaria, Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

Preços fixos e marcados em todos os artigos

ON PARLE FRANÇAIS — ENGLISH SPOKEN

Oferta

-5. JUL 2006

LX

49

Emprêsa Insulana de Navegação

CARREIRAS REGULARES

ENTRE

L I S B O A
M A D E I R A
E A Ç O R E S

#

Escalas e datas das saídas dos vapores:

• Em 8 de cada mês para:

Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Santa Cruz), S. Jorge (Calheta), Lages do Pico e Faial.

Em 23 de cada mês para:

Madeira, S. Miguel Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Velas,) Cais do Pico, Faial, Côrvo e Faial (Lages Santa Cruz).

A escala da Ilha do Côrvo só se efectua nos meses de Maio, Junho, Julho, Agôsto e Outubro, tocando também o vapor naquele pôrto no mês de Fevereiro só para troca de correspondência e serviço de passageiros.

AGENTES

GERMANO SERRÃO ARNAUD

AVENIDA 24 DE JULHO, 2 2.º D. — Telefone 2 0214 — LISBOA

Na Madeira

BLANDY BROTHERS & C.º

Em Ponta Delgada

BENSAUDE & C.ª



ANTIGA CASA FIGUEIREDO

FUNDADA EM 1864, NA RUA BELA DA RAINHA,
HOJE, RUA DA PRATA, 215-217

EM LISBOA

TELEFONE 27606

CASA ESPECIALIZADA NA FABRICAÇÃO DE:

COLCHÕES DE ARAME
COLCHÕES DE SUMAUMA DE JAVA
COLCHÕES DE LÃ
COLCHÕES DE CRINA ANIMAL
COLCHÕES DE LÃ E CPINA (MIXTOS)
COLCHÕES DE CORTIÇA
COLCHÕES DE FOLHELHO

SÓMENTE FABRICAÇÃO DE PRIMEIRA QUALIDADE,
COM OS MELHORES PANOS, PARA CAMAS DE
TODOS OS ESTILOS E DIMENSÕES

DIVANS — CAMAS — ALMOFADAS DE PENAS

TUDO PARA CAMPISMO: CAMAS, MESAS, CADEIRAS E BANCOS
ARTICULADOS — **TENDAS** — MOCHILAS — LAVATORIOS, BALDES,
BANHEIRAS E CHUVEIROS DE LONA — COLCHÕES PORTATEIS —
SACOS DE DORMIR — BORNAIS — LANTERNAS — CANTIS
Facas de mato, talheres e todo o material portátil para praticar campismo

EMPRESA NACIONAL DE APARELHAGEM ELECTRICA TEL.º 62177-62178
LUMIAR LAMPAR
AVENIDA 24 DE JULHO 158 - LISBOA

ADQUIRO NOSSO MATERIAL
É GARANTIA DE OBTER MATERIAL DE QUALIDADE SUPERIOR

LUMIAR

LÂMPADAS

MOTORES ELÉCTRICOS — TRANSFORMADORES

ENAE

GERADORES

Fabrico nacional

Eduardo Gomes Cardoso

CONSTRUTOR MECÂNICO

AVENIDA 24 DE JULHO, 26

End. tel. : EDCARD Tel. 6 0239

LISBOA

Máquinas para a indústria corticeira.
Máquinas para a indústria de con-
servas. Geradores de gás pobre
para lenha, desperdícios de madei-
ras, antracites e carvões vegetais.

Bombas centrífugas e rotativas

Transmissões: veias, uniões rígidas e
de fricção (embreagem), chumacei-
ras de rolamentos esféricos, auto-
máticas e de tipo Sellers.

**Construções e reparações
mecânicas**

DESENHOS E ORÇAMENTOS

E. PINTO BASTO & C.ª, L.ª DA

Navegação
Seguros
Exportações

Carvão
Representações
Transitários

Etc., etc.

NO PORTO

KENDAL, PINTO BASTO & C.ª, L.ª DA

António Alfaia de Carvalho, L.ª da

(CASA FUNDADA EM 1874)

Código RIBEIRO — 2.ª Edição

Tele { gramas: ANALCARD
fone: P. B. X. 2 4229

VINHOS E SEUS DERIVADOS
PARA CONSUMO E EXPORTAÇÃO

ARMAZÉM:

R. do Açúcar, 31-35—Póço do Bispo

LISBOA

ESCRITÓRIO:

Rua do Terreiro do Trigo, 76, 1.º, E.

A Embelezadora Moderna

Propriedade e Direcção Técnica de **BENJAMIM GOMES**
Avenida Miguel Bombarda, 165-A — LISBOA — Telefone 5 2402

Casa especializada em enceramentos de soalhos e mobílias
APLAINAR, RASPAR, IMITAR Á INGLESA, ENCERAR E LUSTRAR

Vendem todos os artigos de limpeza
PASSADEIRAS, TAPETES, CERAS PARA SOALHOS, ETC.

Distribuidores do produto

" EMBELEZITA "

A mais barata de tôdas

A melhor cera para soalhos, mobílias, oleados, corticite, etc.
A única cera que não se pega aos pés e que conserva os soalhos na côr primitiva

UMA EXPERIÊNCIA CONVENCERÁ!

*Scottish Union & National
Insurance Company*

Fundada em 1824

Séde: LONDRES — EDIMBURGO

CAPITAL E RESERVAS

£ 18:347.051

Seguros contra:

Incêndio, Seguros Industriais
e Agrícolas

Agentes Gerais em Portugal e Colónias

João de Brito, Limitada

Fundada em 1836

Rua dos Arameiros, 11, 1.º — LISBOA

Telefones: 21327-21328-E. 345

Telegramas: ITO

*The Motor Union Insurance
Company Limited*

Séde — LONDRES

Seguros de:

Automóveis, Transportes Marítimos
e Guerra

Agentes Gerais em Portugal e Colónias

João de Brito, Limitada

Fundada em 1836

Rua dos Arameiros, 11, 1.º

LISBOA

Telefones: 21327-21328-E. 345

Telegramas: ITO

AO PEDIR

água mineral

PEÇA



Leve, Estomacal, Límpida

EFEITOS
IMEDIATOS
NA DIGESTÃO

À venda em tôda a parte

AS EDIÇÕES DA
PORTUGALIA EDITORA

São as melhores obras dos
mais célebres autores mun-
diais, em traduções esmera-
das, textos completos, com
boa apresentação gráfica,
capas por apreciados artís-
tas, e encontram-se à venda,
a preços acessíveis, em tôdas
as boas livrarias do País

PORTUGALIA EDITORA

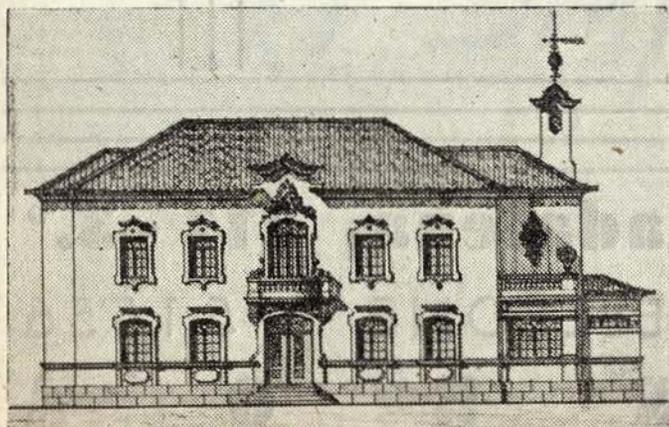
Avenida da Liberdade, 13-3.º

L I S B O A

REALIZAÇÕES RÚSTICAS

E

CONSTRUÇÕES URBANAS



Manda projectar e
construir modernas,
confortáveis e inte-
ressantes moradias
unifamiliares em Lis-
boa e na província

Praça do Rio de Janeiro 29, r/c.

Telefone 2 9503 ~ LISBOA

Angelo G. Ramalheira

ENGENHEIRO CIVIL



Construções

Projectos

de estabilidade

Betão armado.



Rua da Madalena, 211 - 3.º

2 8 9 3 3 TELEFONE 5 1 5 5 6

L I S B O A

**PAPELARIA
CAMÕES**

DE

AUGUSTO, RODRIGUES & BRITO, L.^{DA}

Secção de Tipografia, Encadernação e
Pautação. Trabalhos simples e de luxo

Pincéis, telas e tintas de
óleo, para aguarela, de-
senho e guaches das mar-
cas: **Lefranc, Windsor,
Pelikan e Schmincke**

42 — Praça Luís de Camões — 43
TELEF.: 2 3063 **LISBOA**

M
A
R
T
I
N
H
O

CAFÉ-RESTAURANTE

O mais antigo
estabelecimento
no género

•
Primoroso serviço de
ALMOÇOS e JANTARES

•
**Arcada da
Praça do Comércio**
(Esquina da Rua da Prata)

TELEFONE 2 2259

DA **ARCADA**

Se é verdadeiro «Amigo de Lisboa»

Prefira para os seus **SEGUROS**

A Império

A Companhia de Seguros de mais capital
e a que explora todos os ramos

Rua Garrett

LISBOA

Um bom livro

Um bom jornal

S O N A

Editorial Império, L.^{da}

TELEFONE 5 3173

R. DO SALITRE, 155

L I S B O A

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS CRÉDITO E PREVIDÊNCIA

ESTABELECIMENTO AUTÓNOMO DO ESTADO

Serviços Anexos { Caixa Nacional de Crédito
Caixa Nacional de Previdência

TELEFONE (P. B. X.) 2 6181 a 2 6189

Depósitos á ordem e a prazo — Empréstimos hipotecários e sobre penhor de títulos — Operações de Transferências e Cobranças — Empréstimos sobre penhor de ouro, joias e pratas pela Casa de Crédito Popular — Empréstimos Agrícolas e Industriais pela Caixa Nacional de Crédito

Filiais em todas as sedes de Distrito, Agências e Delegações nas sedes de Concelho

OLISIPO

DIRECTOR: MATOS SEQUEIRA

EDITOR: FRANCISCO VALENÇA

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

SEDE: RUA GARRETT, 62, 2.º — TELEFONE 2 5711

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA A TODOS OS SÓCIOS

SUMARIO

- A OBRA DOS «AMIGOS DE LISBOA»
por *Luiz Teixeira*

- NO DESCERRAMENTO DE UMA LÁPIDA NA CASA
ONDE NASCEU TINOP
por *Luiz Pastor de Macedo*

- ALGUMAS NOTAS SÓLTAS ACERCA DO PALÁCIO DO
CALHARIZ QUE FOI DO MARQUÊS DE VALADA
por *Norberto de Araújo*

- OS MONUMENTOS DE QUE LISBOA FALECE
pelo *Dr. Amadeu Ferreira de Almeida*

- RELAÇÃO DAS CASAS FOREIRAS, EM 1539, A IGREJA
DE S. CRISTÓVÃO (continuação)
por *Ferreira de Andrade*

- VENDEDORES AMBULANTES (conclusão)
por *Alfredo Augusto Lopes*

OS ARTIGOS AQUI PUBLICADOS SÃO DE EXCLUSIVA RESPONSABILIDADE DOS SEUS AUTORES

COMP. E IMP. NA «EDITORIAL IMPÉRIO, LIMITADA» - R. DO SALITRE, 153 - TELEF. 5 3173 - LISBOA

A obra dos «Amigos de Lisboa»

enaltecida pelo vereador LUIZ TEIXEIRA

Publicamos a seguir, na íntegra o discurso pronunciado pelo escritor e jornalista Luiz Teixeira na sessão camarária de 30 de Dezembro de 1943, e no qual se presta homenagem à memória do Eng. Duarte Pacheco

Já se pronunciou hoje, nesta reunião, o nome de Duarte Pacheco. Aprovámos o projecto que julgamos ter já concordância do Governo para o monumento simples e belo, discreto e grandioso onde esse homem que passou por nós tão vigorosamente acordado para as realidades palpitantes e para o esforço permanente do trabalho sem repouso descansará sonhando ainda, talvez, as visões empolgantes da sua missão incompleta. Todos sabemos que esse monumento não é a última homenagem. A memória dos homens da estirpe de Duarte Pacheco tem o raro privilégio de não se compadecer com a fatal banalidade das convenções do mundo. Ela nunca será diminuída com a celebração formal de uma derradeira homenagem.

Pode descer sobre os despojos desse homem, definitivamente, a pedra branca com a sóbria inscrição de lembrança ao porvir; podem calar-se as palavras de enaltecimento dos oradores comovidos; pode o vento da serra de Monsanto levar para longe, desmaiadas e dispersas, as últimas flôres votivas. Nem por isso terá terminado a homenagem.

Lembro-me da sua chegada ao Poder naquele dia de Abril de 1928. Ele era um rapaz. Parece-me ouvir ainda o Presidente do Mi-

nistério de então dizer ao apresentá-lo: — «Tenho muito gosto em dar posse da pasta da Instrução a um homem novo, activo, enérgico e decidido. O Sr. Engenheiro Duarte Pacheco faz hoje vinte e nove anos. Estamos em plena festa de aniversário...».

Três ou quatro dias depois fui esperá-lo, à noite, à estação do Rossio.

O Ministro vinha de Coimbra. Eu estava ali para saber d'ele uma notícia que viria mudar o rumo histórico dos acontecimentos contemporâneos. Lembro-me bem. Perguntei-lhe apenas:—Então?... ¿Conseguiu? ¿Sempre vem? Não me respondeu com palavras. No seu olhar alvoroçado, no seu sorriso de contentamento foi fácil ao jornalista adivinhar o grande facto da semana, o grande facto do século em Portugal. Dias depois um professor de Coimbra, «*obrigado — no seu próprio dizer — a abandonar o sacerdócio do ensino e a tomar por caminhos difíceis uma cruz mais pesada*», assumia a gerência da pasta das Finanças. A Nação começava a sua marcha para a maravilha de um ressurgimento feliz.

Pelos anos fora o Ministro e o jornalista encontraram-se muitas vezes. Nós, os homens dos jornais, temos a estranha singularidade de atravessar a paisagem da vida pública com o mesmo ar distraído e despreocupado com que certos elementos da multidão caminham, sòzinhos, pelas ruas, a monologar em voz alta. Aparentemente pouco nos interessa o espectáculo em volta e supomos sempre que ninguém repara em nós. Acontece, no entanto, que nos sobressaltos da missão nascem, por vezes, amizades sinceras e alguma coisa fora da normalidade do quadro atrai, lá de longe em longe, a curiosidade do jornalista aliciando-o irresistivelmente para o culto duma admiração inesperada e forte.

Assim me sucedeu com Duarte Pacheco.

Vi desenvolver-se o seu espírito em ímpetos de audácia construtiva. Notei como a excitação da política saudável fazia desabrochar naquele homem novo os prodígios duma rara vocação de estadista.

Quantas vezes surpreendi nele a chama ardente de um idealismo que o vulgo talvez ignorasse, supondo que as predilecções do matemático, tão empenhadas no lidar de cálculos da resistência dos materiais e no sonho ambicioso de uma grande demonstração de reali-

zações, amorteciam ou abafavam êsse belo perfume de romance que faz o homem novo amar a Pátria com a fôrça de entusiasmo e a cândida ilusão de enlêvo e de ternura com que se ama, naquela idade, uma mulher.

Estou a ouvi-lo há poucos anos nesta casa: — «Conheço por experiência o prêmio de amarguras que colhe o esforço honesto e desinteressado».

Já se lhe tinha embranquecido o cabelo. No entanto, naquela altura, quando começava a servir a cidade mais directamente, a mesma energia da primeira hora animava de fulgor o seu olhar ansioso.

Estou a ouvi-lo no Ministério das Obras Públicas naquele dia reparador do seu regresso: — «Um homem público verdadeiramente amante da sua Pátria só pode, só deve ter um desígnio — servi-la, servi-la em tudo, em todos os lugares e em todos os momentos».

Quis o acaso que o jornalista tivesse hoje ensejo de sublinhar com algumas palavras uma homenagem da vereação de Lisboa à memória dêsse homem que esteve sempre presente no respeito da sua amizade e no culto da sua admiração. Não completaria, porém, o meu pensamento se não dissesse que, além desta, outra homenagem se impõe, uma homenagem que pode desinteressar-se de aspectos consagradores de expressão exterior mas deve permanecer nas nossas intenções e objectivos como nítida e definida aspiração: procurarmos sempre compreender e seguir a fôrça estimuladora do seu exemplo.

Duarte Pacheco foi, em completo significado, o Presidente da Câmara que sem desatender, como lhe incumbia, às realidades essenciais e aos interêsses imediatos do dia a dia da vida da cidade, manifestou em tôdas as circunstâncias da sua acção êste princípio que julgo digno de prender as preocupações dos dirigentes do Município: — *estar para além do seu tempo*.

Estar para além do seu tempo no cálculo das transformações urbanísticas a realizar e na serenidade de análise das necessidades evidentes de Lisboa para a conquista séria da sua exacta categoria de capital europeia.

Estar para além do seu tempo no conceito de julgamento das reacções públicas às iniciativas que podem perturbar, momentânea-

mente, costumes, hábitos ou tradições enraizadas mas que se dirigem com nitidez às exigências do futuro.

Estar para além do seu tempo na visão exacta do engrandecimento de uma cidade que não deve confiar, como sistema, às consequências dos fenómenos da natureza, a missão preparatória do arranjo da sua fisionomia em moldes renovados e grandiosos.

Entrou aqui há seis anos e demorou-se cinco meses. Estes períodos não têm excessivo significado para o nosso caso. Há pouco tempo V. Ex.^a lembrou-nos precisamente que ainda simples director do Instituto já Duarte Pacheco se interessava com o maior carinho pelo bem da capital e revelava «o seu vivo desejo de a ver bela, ataviada e engrandecida, dentro da disciplina resultante de um estudo cuidadoso dos seus elementos e recursos de ordem urbanística». Nos últimos dias da sua vida a correlação dos serviços do Ministério das Obras Públicas com os do Município, disse também V. Ex.^a, Sr. Presidente, mantinha-se em tudo que se referia ao plano de urbanização, num desenvolvimento permanente e sob a orientação superior do Ministro. Devemos, no entanto, contar a partir do princípio do ano de 1938 a inclusão dos problemas da cidade na primeira linha das suas mais imediatas preocupações. Foram, pois, seis anos e embora isso seja bem pouca coisa na existência de uma cidade que vai, em breve, completar oito séculos de vida cristã, o que está feito é imenso. Ninguém poderia ter a pretensão de modificar profundamente, em tão curto espaço de tempo, a fisionomia duma terra que, à parte o grandioso sobressalto que exigiu do ministro de D. José o prodígio de revelação das máximas e urgentes decisões, criara, ao longo dos séculos, a consagração permanente da timidez e do provisório como sinais de ausência daquele desembaraçado espírito de iniciativa, de arrôjo de concepções gerais, de energia de execução persistente e prática que, lamentavelmente, tardava, pairando no tempo em vã procura dos elementos propícios a uma aplicação proveitosa.

Podíamos dizer que Duarte Pacheco tinha o seu segredo do êxito seguro.

Refiro-me ao plano de completo e perfeito espírito de cooperação em que agia sem, aliás, se diminuir nunca a sua impressionante individualidade. É oportuno lembrar, a êsse respeito, que alguma vez

denunciou o seu vivo desejo de que a intervenção dos vereadores nos negócios do Município se exercesse num forte espírito de unidade e sempre em ambiente de estreita solidariedade e amizade. Acentuou então: — «É condição necessária à eficácia do nosso esforço trabalharmos todos como um só homem, uma só vontade, um só pensamento». Disse oportuno porque essa unidade perfeita passou da vereação antecedente para a actual como um programa de acção que no fundo, no seu prolongamento de exacto significado, constitui ainda hoje, de certa forma, um sentido de homenagem a quem tão avisadamente a preconizou.

Comecei as minhas palavras por aludir ao Engenheiro Duarte Pacheco e à fôrça do seu exemplo. Agora verifico que ao pretender traçar breve comentário ao Orçamento que vamos votar é ainda sob a influência das suas opiniões, da sua orientação geral, das suas directrizes que devo, afinal, fixar a síntese do meu pensamento. Queria êle que a administração da Câmara fôsse caracterizada pelo dinamismo, pela clareza e pela simplicidade. O Orçamento chega à sessão pública depois de demoradas reuniões particulares da vereação. Foi estudado na generalidade dos seus aspectos; analisado no cálculo das suas disposições e na previsão dos seus efeitos; retocado ou completado de acôrdo com sugestões devidamente ponderadas, com critérios sensatamente definidos e aceitos como úteis. Podíamos agora limitarmos a entregar com a nossa simples autorização à mecânica dos Serviços os elementos fundamentais da sua gestão anual dos negócios da municipalidade. Estão nesse documento, na medida das possibilidades da hora, os princípios e a orientação a que me referi: a prudência dos cálculos e das previsões ao lado da largueza possível dos empreendimentos a realizar e das indicações expressivas da necessária continuidade das emprêsas urbanísticas que interessam às perspectivas do futuro. A característica de dinamismo, de clareza e de simplicidade posta há seis anos por Duarte Pacheco como uma aspiração é já hoje, a par do conjunto das realidades admiráveis que indicam na cidade os cuidados e o acêrto das primeiras medidas dum plano de grande urbanização que não pode interromper-se, nítida normalidade da administração municipal.

Declarou V. Ex.^a há poucas semanas, nesta sala, que tem sido

constante imperativo da sua actuação nesse pôsto tudo encaminhar e orientar por forma semelhante à que o falecido Ministro teria seguido se desta casa não se tivesse afastado. Como os anteriores, depois de 1939, êste documento é notável expressão de que conseguiu — como era natural esperar das suas excepcionais qualidades — a plena realização da sua idéia. Êle reflecte, simultâneamente, o sentido duma sábia orientação que se prolonga com segurança e o poder duma experiência que se consolida com frutuozos resultados. Isso me permite o gôsto de apresentar a V. Ex.^a as melhores saudações e homenagens.

Senhor Presidente:

Não quero deixar de aproveitar o ensejo de estar no uso da palavra para me referir, ràpidamente, a dois ou três pontos objectivos do Orçamento para 1944.

Mais uma vez aparece sem previsão de verba no capítulo 1.º da Receita ordinária a rubrica do misterioso Imposto de Turismo. O assunto ainda não encontrou a desejada fórmula de solução. E é pena. Dia a dia mais se avolumam as responsabilidades de Lisboa como foco principal do turismo português. Dia a dia se reconhece com mais perfeita exactidão o papel que está destinado à capital, depois da Guerra, para polarizar as atracções de vária ordem que podem e devem recomendar o nosso país como zona admirável e privilegiada de sedutores e intactos encantos para o excursionismo internacional.

Já o ano passado tratei largamente aqui dêste interessante problema nos seus variados aspectos. Agora só me resta acrescentar o meu voto de que a Câmara Municipal de Lisboa que tão intensamente vem realizando com método, com segurança e com intelligência uma obra que, embora designada sob a invocação doutros pretextos, representa, no seu conjunto, um notável esforço de preparação turística verdadeira e vultuosa, encontre as facilidades indispensáveis para contar com as verbas que possam pertencer-lhe no reconhecimento legal duma categoria turística que ninguém, conscientemente, lhe pode contestar. O assunto tem autêntica importância e arrasta-se há anos. Julgo-o digno de prender a atenção dos Serviços para se conseguir as soluções necessárias que urgem.

Já fui demasiado longo e estou já, certamente, a abusar da atenção da Câmara. Isso me impede de fazer merecida referência ao aumento de verbas consignado agora à acção cultural do Município e ao excelente significado que o facto consoladoramente revela. A intenção de desenvolvimento constante dessa actividade já teve, aliás, nesta reunião, um índice indicador muito claro. Vai construir-se um «Auditorium» para satisfazer de alguma maneira às exigências de realização de espectáculos de índole cultural. Pode parecer a alguns insignificante a verba de 50 contos que o Orçamento destina a espectáculos desse género para o ano próximo. Mas não deve esquecer-se que a Câmara pretende e deve, na verdade, não trabalhar isoladamente nesse campo. A colaboração com outros organismos, como o Secretariado da Propaganda Nacional, a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, a Emissora Nacional, o Grupo «Amigos de Lisboa», etc., não é apenas de aconselhar—é indispensável para que possa, efectivamente, proporcionar-se à população desta cidade, onde as bandas regimentais só tocam com regularidade nas paradas dos quartéis e as melhores demonstrações artísticas estão ainda, em grande parte, vedadas às possibilidades do grande público, os espectáculos culturais e de recreio espiritual num grau de larga expansão popular. Não será descabido, a propósito, lembrar com justo louvor quanto acertadamente a nossa Estação Oficial de Radiodifusão tem feito nesse sentido, acompanhada noutros sectores pelo Grupo «Amigos de Lisboa» que persistentemente vem realizando uma demorada campanha da maior estima e admiração pela nossa cidade. Não julgo indiferente nem inútil que o Município testemunhe a estas duas entidades o seu aprêço pela obra que estão realizando e tão acentuadamente pode influir na melhoria da mentalidade geral.

Aparece pela primeira vez em Orçamento uma razoável verba consignada a preparativos das comemorações do 8.º Centenário da Tomada de Lisboa, a realizar em 1947. Isso corresponde à verificada vantagem de começar desde já a estudar e preparar convenientemente, sobretudo, alguns actos culturais ligados ao significado daquele acontecimento. Já o acentuei aqui nas reuniões de 19 de Fevereiro e 28 de Dezembro de 1942: será ainda, com certeza, cedo para a fixação definitiva de qualquer programa de solenidades comemorativas mas

há realizações de carácter cultural que não é possível deixar ao sabor daquele admirável sentido de improvisação que parece ser, afinal, consagrado festivamente, em muitos casos, como um sistema nacional de trabalho. Tenho muito satisfação em verificar que os Serviços manifestaram pleno acôrdo com a ideia apresentada há cerca de dois anos à consideração de V. Ex.^a de uma História Monumental de Lisboa a editar pela Câmara que, para o efeito, deverá socorrer-se da boa colaboração dos eruditos da especialidade e confiar a direcção dessa obra a uma pequena comissão constituída por olisipógrafos de reconhecida competência e saber profundo. A verba inscrita permitirá enfrentar o cálculo de possibilidades não só para começar a organização desse empreendimento mas também para editar um «Corpus» documental já proposto e que reuniria as mais importantes espécies existentes no nosso Arquivo sôbre a história da cidade, e uma Antologia Poética de Lisboa.

Termino, Senhor Presidente, congratulando-me com o facto dêste Orçamento de tempo de Guerra e da época lisbonense da grande urbanização apresentar tão agradáveis notícias prometedoras de condições eficientes para a acção dos nossos Serviços Culturais.

No descerramento de uma lápida na casa onde nasceu Tinop

Palavras de LUIZ PASTOR DE MACEDO

Não é esta a ocasião própria para expor as razões que por ventura me poderiam levar a encabeçar o título de fundador dos estudos olisiponenses neste ou naquele escritor, mas interessa registrar que se tem declarado que a Castilho, o inovidável e saúdoso Mestre, cabe êsse título. Eu mesmo o tenho dito e até, atendendo a várias circunstâncias, o posso repetir neste momento; porém, sempre que o tenho feito e agora que o reafirmo, não tenho esquecido nem esqueço o erudito e simpático Vilhena Barbosa que no corpo oito das largas e preciosas colunas do *Arquivo Pitoresco* e ainda nalguns dos excelentes capítulos dos seus *Estudos Históricos e Arqueológicos*, nos dá cabal testemunho dos amplos conhecimentos que tinha da história de Lisboa, e a prova, na mais lata evidência, do desejo de os vulgarizar. Aliás, para Castilho, Vilhena Barbosa foi o seu mestre — di-lo não sei quantas vezes em vários passos da sua obra.

Mas não há dúvida que o autor da *Lisboa Antiga* pondo a-par do seu saber, o seu sincero e grande amor a Lisboa, intervindo decidida e galhardamente na defesa das suas tradições, pugnando sempre pelo seu desenvolvimento e fazendo por vezes da sua história, mais um poema do que um produto obtido por investigação documental, conseguiu como todos sabemos, criar uma escola, escola a que no entanto nunca acorreram muitos a matricular-se, mas que os poucos que a ela pertenceram ou pertencem, tal qual o Mestre, lhe dedicaram ou dedicam, mais do que a sua inteligência e que as suas faculdades de trabalho, o seu coração. Poderá avaliar-se por isto, atendendo ao alto valor da obra de alguns, a grande dedicação de todos.

São três os primeiros discípulos de Castilho:

Gomes de Brito, o grave e erudito Gomes de Brito, que na olisipografia foi o criador dos estudos toponímicos; Eduardo Freire de Oliveira que nas notas com que acompanha a documentação municipal estampada nos seus dezassete volumes, deixa claramente transparecer nalguns pontos a influência e o aproveitamento dos estudos do Mestre; e João Pinto de Carvalho que usou o anagrama Tinop e a cuja memória, todos nós que aqui estamos, dedicamos estes momentos.

Falemos pois de Tinop e da sua obra.

Tinop sem contudo deixar, fugitivamente, acentue-se, de nos apontar na sua obra a *história local* que em determinado passo interessava ao assunto que estava tratando, como por exemplo a história dum imóvel ou das casas comerciais duma rua, foi um olisipógrafo de tendências muito diversas das que levaram Castilho a escrever os seus livros e a cantar as grandezas de Lisboa, quasi sempre confundidas com as da Nação, e Gomes de Brito a procurar com insistência as origens dos obscuros e pitorescos topónimos que ainda se apresentam horrivelmente pintados nas esquinas das nossas ruas.

Castilho não dispensou a Genealogia e a Heráldica, os livros das Chancelarias e outros da Torre do Tombo para escrever a sua imorredoura obra; Gomes de Brito e Freire de Oliveira não descançaram enquanto não deram volta ao arquivo municipal. Outra coisa portanto que não fôsse agarrar-se às árvores de costado, debruçar-se sobre os brasonários, embrenhar-se na afadigante leitura do *Livro dos Pregos* do Senado da Câmara, teria êle, Tinop, de fazer. E mal acabou o seu último exame do curso Superior de Letras, arrumou os livros escolares nas estantes, comeu à pressa, no Mata, um bife guarnecido com batatas fritas, e abalou para o Chiado, onde, em bicos dos pés, se foi juntar a um dos grupos mais palreiros que por ali tinham armado tenda. Êles, os do grupo, iam falando pelos cotovelos e Tinop, atento, ia-os ouvindo sem perder pitada, como soe dizer-se. Assim correram anos. Quando iam almoçar, dava um salto até à Torre do Tombo e espiolhava os curiosíssimos documentos da Intendência da Polícia; quando iam jantar chegava ali à Biblioteca e folheava, em vez da *Estatística de Lisboa*, de Brandão, ou do *Sumário*, de Cristóvão, os programas de S. Carlos e do Rua dos Condes; depois quando

calhava irem ouvir a Pasqua ou a De Reské, a Theodorini ou a Linda Brambilla, quando iam para alguma *troça*, para alguns devaneios aguitarrados, dirigia-se para casa e punha-se a alinhar os apontamentos colhidos. Foi assim que escreveu os dois volumes da *Lisboa de outros tempos*, aparecidos em 1898 e 1899, e a *História do Fado*, impressa em 1903; assim foi também que arranjou o material necessário para dar larga colaboração à revista *Brasil-Portugal* e para escrever depois uns cinco ou seis volumes sob o título *Lisboa de outrora*, três dos quais já se encontram publicados. Sem desprimor para o escritor, nem para a sua obra, antes muito contrariamente, no intuito de valorizar o seu trabalho, e de enaltecer o seu engenho, pôde-se dizer que Tinop teve a rara habilidade de escrever os seus livros escutando às portas.

Conheço — como de certo os que me ouvem o suporiam mesmo que não o declarasse — razoavelmente a obra do escritor cuja memória aqui estamos evocando, e desde que li o seu primeiro trabalho fiquei com a impressão, que ainda depois se foi acentuando, de que Tinop nunca quiz ser um investigador de factos ou de sucessos de primeira plana, mas de pormenores que isoladamente seriam sempre insignificantes. Até mesmo nas biografias que nos legou, vê-se que se comprazia em desprezar ou pelo menos em não realçar, os grandes traços e em preferir os pequenos apontamentos, as minúcias de somenos valor. Mas a verdade é que destes apontamentos e daqueles pormenores, encavalitados ou encadeados uns nos outros, compôs primorosamente os vários quadros da vida alfacinha do século XIX e ergueu do túmulo os seus biografados por forma que até hoje ninguém o igualou. Tiveram as suas crónicas por timbre a frivolidade, a minudência anedóctica e a beleza e a elegância do conceito, todos o sabem, mas não há dúvida que das telazinhas frívolas que assinou, dos casos amorosos que encantadoramente desfiou ao ouvido do leitor, das anedoctas e casos picarescos que entre frouxos de riso e esboços de ironia nos contou a todos nós, sai a Lisboa da rua e dos salões, da alcova e dos camarins, dos duelos e dos escândalos que fizeram estremecer a Moral Pública, sai parte dessa adorável Lisboa que com rupanço se meneava do Passeio Público ao jardim da Estrêla e às hortas da circunvalação; dos terceiros andares da Baixa, às secre-

tarias dos ministérios e ao famoso palatário da praça dos Remolares.

Este coleccionador de frivolidades emolduradas em frases de estética especial e de singular apuro, occupa sem favor o primeiro lugar entre os cronistas da vida lisboeta do século passado. Tinop é só êle e a sua obra é só sua. Nela se encontram desenhados os costumes mais curiosos dos tempos dos nossos avós e as figuras que por qualquer circunstância tiveram relêvo especial; nela também se narram os acontecimentos mundanos que ecocaram por vinte e quatro horas, pelo menos, nas veneráveis abóbadas da maledicência almiscarada do Chiado. As touradas de fidalgos, as batidas célebres e as esperas de touros, assim como as brincadeiras do Entrudo daqueles tempos, as esplêndidas festas dos Condes de Farrobo e de Carvalhal e os sumptuosos e delirantes bailes dos Condes de Penafiel e dos Marqueses de Vianna, só naquelas páginas esmaltadas caprichosamente com adjectivos *de alto lá*, se podem devidamente apreciar. Agora é Bocage que se nos depara com o seu Nicola e o seu Pedro das Luminarias; depois é José Agostinho de Macedo, Garrett e o célebre António da Cunha Souto Maior. A endiabrada e talentosa Emília Letroublon também não falta à chamada, assim como não faltam também o actor Santos Pitorra e as primeiras figuras do teatro lírico, o *Avô dos Janotas* e o excêntrico *cavalheiro* da Gama Machado, o Vimioso e a sua Severa. Quando veio o primeiro chapéu alto para Portugal? Como se tomava rapé em Lisboa? Como se faziam cair as óperas em S. Carlos? Folheie-se a obra de Tinop: está lá tudo. Estes que aqui encontramos agora são Júlio César Machado, Bulhão Pato, Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz e Pinheiro Chagas; aquêles, o Marquês de Niza, o que tanto deu que falar de si, Fontes Pereira de Melo — o D. Magnífico — Junot e os seus officiais, Pina Manique e os seus *moscas*, Espronceda e o general Prim. E a enumeração não acabaria tão depressa se fôsse nosso propósito referirmo-nos neste momento a tôdas as figuras magistralmente biografadas ou anotadas por Tinop e a todos os sucessos e episódios por êle admiravelmente descritos.

Pois meus senhores: um dia a Imprensa deu esta notícia — Tinop morreu. Foi isto, lembro-me bem, no dia 20 de Outubro de 1936. À sua casa da Avenida da Liberdade fomos lá todos, os que nos inte-

ressamos pelo engrandecimento de Lisboa, mas também pela sua história, os que admiramos a obra de Tinop e dêle éramos amigos. Lamentámos com sinceridade a sua perda, a perda de um homem de bem, a perda do incomparável olisipógrafo. E à saída um de nós recomendou:

— Não nos esqueçamos de tomar nota: o nosso Pinto de Carvalho faleceu no segundo andar, lado esquerdo, do n.º 224 da Avenida da Liberdade...

Mas em seguida, outro, talvez o Matos Sequeira, perguntou:

— E onde nasceu êle?

Nenhum de nós o sabia. E não o sabíamos porque Tinop nunca no-lo dissera, nem mesmo quando uma vez delicadamente eu lho perguntei. A família também nada nos sabia dizer a êsse respeito.

Mas em certo dia o acaso — o acaso é um dos melhores amigos do investigador, saibam-no V. Ex.^{as} — pôs ao alcance dos meus olhos o assento baptismal de Tinop, o qual indica a rua em que êle nasceu, ou seja esta em que agora nos encontramos. Que alegria então tive! E o prédio que lhe serviu de bêrço só pode ser êsse que aí está na nossa frente e que torneja para a rua da Alfândega, porque é o único que com entrada por esta rua dos Arameiros tem quatro andares, e Tinop nasceu num quarto andar.

E é justamente devido a êsse feliz acaso, minhas senhoras e meus senhores, que aqui hoje nos encontramos reunidos no propósito de assistirmos ao descerramento da lápida que nesse edificio ficará assinalando o nascimento do admirável cronista da vida romântica dessa Lisboa do século XIX, tão ciosa das suas melancolias e dos seus lirismos, dos seus Saint-Preux e das suas languidas e fingidamente enjoadas meninas de ais suspirados em todos os tons, mas — ponhamos as coisas no seu devido pé — dessa Lisboa que sabia apreciar a vida e que estudava com devoção a melhor maneira de a gozar até ao ponto de se deixar morrer de amor — que morte mais linda! — quando não dispunha de qualquer outra doença para abandonar dignamente êste mundo, segundo maliciosamente diziam o Chiado e o seu inseparável amigo o Átrio de S. Carlos.

Pois vamos lá então pagar parte da nossa dívida à saúdosa memória de Tinop.

A mesa que presidiu a esta cerimónia era constituída pelos Srs. Tenente-Coronel Salvação Barrêto, Presidente da Câmara Municipal, D. João de Macedo Chaves, representante do Sr. Governador Civil e Prof. Celestino da Costa, Presidente da Junta Directiva do Grupo *Amigos de Lisboa*.

A lápida que foi descerrada pelo Sr. Presidente da Câmara, no prédio n.º 11, da rua dos Arameiros, tem os seguintes dizeres:

NESTE PRÉDIO NASCEU EM
2 de JANEIRO de 1858
JOÃO PINTO DE CARVALHO
(TINOP)
ILUSTRE CRONISTA DA LISBOA
DO SÉCULO XIX

O Grupo «Amigos de Lisboa» mandou colocar esta lápida em 12 de Março de 1944.

O respectivo auto foi lido pelo Sr. Dr. Eduardo Neves e assinado por tôdas as pessoas presentes entre as quais a sr.ª D. Piedade da Silveira Ribeiro de Carvalho, viúva de Tinop.

DESCERRAMENTO DA LÁPIDA NO PRÉDIO ONDE NASCEU TINOP



Luiz Pastor de Macedo proferindo o seu discurso na homenagem à memória de João Pinto de Carvalho (Tinop)



No momento em que a lápida foi descerrada

A NOSSA VISITA AO INSTITUTO CAMARA PESTANA



O sr. dr. Cândido de Oliveira, ilustre Director do Instituto, falando aos «Amigos de Lisboa»



Num dos intervalos. — Enquanto os srs. Luiz Pastor de Macedo e José Artur Bârcia — o dedicado amigo de Castilho — falam de Lisboa (sempre de Lisboa), o sr. Matos Sequeira pensa porventura nalgum dos capítulos do novo livro que está escrevendo

Algumas notas sôltas

acêrca do palácio do Calhariz
que foi do Marquês de Valada

por NORBERTO DE ARAUJO

Num dos últimos artigos — 18 de Fevereiro — publicados no «Diário de Notícias», na série «Lisboa de ontem e de hoje» — «Destinos dos Palácios», o seu autor, escritor distinto, trabalhador da história, e meu muito prezado amigo, sr. Rocha Martins — que é também um devotado olisipógrafo — refere-se ao palácio chamado «Azambuja», no Calhariz, e mantém a versão, lançada por Júlio de Castilho, de que o primitivo palácio (reconstruído fundamentalmente depois do Terramoto, e transformado no século passado e já no actual) fôra pertença e moradia daquele leal e nobilíssimo cavaleiro, morto em Alfarrobeira ao lado do Infante D. Pedro, e que foi D. Álvaro Vaz de Almada, Conde de Avranches.

Esta versão está hoje sèriamente abalada pelos estudos e deducções feitas, especialmente pelo Sr. Luiz Pastor de Macedo, em «Lisboa de Lés-a-Lés», vol. I, págs. 77 a 87. O Almada que deu o nome à Rua do Almada não se pode garantir que houvesse sido um Fernão Roiz de Almada, descendente certo do Conde de Avranches, e cujo palácio, no Conde Barão, à esquina da Rua das Gaivotas, que foi dos Almadas, provedores da Casa da Índia, ainda ostenta, na parte primitiva que resta, o escudo com as armas dos Avranches e Almadas, em campo de oiro abertas e floreteadas, com águias vermelhas armadas de negro, nas contrabandas.

Não se pode garantir que fôsse êsse, embora a nós não nos repugne admitir que houvesse sido um Almada daquela família. Mas se não foi Fernão Roiz, muito menos teria sido o famoso cavaleiro, cujos

bens depois da sua desgraçada morte foram confiscados como a réu de alta traição, e doados em 1449 a Álvaro Pires de Távora, do conselho de D. Afonso V, em cuja família andaram, bens que, em grande parte, teriam chegado aos Marqueses de Valada, representantes dos Távoras.

A dúvida quanto à razão do nome da rua nada tem que ver, fundamentalmente, é certo, com o facto ou a presunção de o palácio do Calhariz haver pertencido e sido residência solarenga do famoso Conde de Avranches. Já o notou o meu querido amigo Sr. Luiz Pastor de Macedo, investigador tão pertinaz quanto probo. Castilho diz, em «Lisboa Antiga — Bairro Alto» que **tudo se doou** (quanto era de D. Álvaro Vaz) a Álvaro Pires de Távora. E no documento que ao caso interessa directamente, «Livro III de *Místicos*», no registo de doações, há referências aos bens de Caparica e a uns pinhais do termo de Almada, mas não se alude de maneira nenhuma a casas no sítio, em Lisboa, que depois foi do Calhariz.

De modo que a versão de Castilho não tem senão o próprio fundamento do grande mestre. Júlio de Castilho era muito do 2.º Marquês de Valada, D. José de Meneses da Silveira e Castro, e foi êste fidalgo quem informou Castilho («êle próprio me disse»), que *tudo* fôra doado aos Távoras.

Mas «disse», repetindo uma versão ou tradição? E interroga o Sr. Luiz Pastor de Macedo: «Ter-lhe-ia mostrado êste titular (o Marquês de Valada) algum documento a êste respeito elucidativo?».

Claro que se Júlio Castilho houvesse visto algum documento, ou conhecido seu paradeiro, não deixava de o apontar em assunto a que o Mestre com tão visível interêsse se votara.

Ora isto que estamos relembrando «é chover no molhado», porque já não traz novidade alguma. Mas relembrar — é útil.

Queremos por nossa parte notar, ainda acêrca da toponímia de «Almada» neste sítio junto à antiga Rua da Cruz de Pau, que no último quartel do século XVII uma filha do segundo casamento de D. Cristóvão de Almada, primogénito e herdeiro dos títulos e bens de Rui Fernandes de Almada (que foi provedor da Casa da Índia e presidente do Senado da Câmara de Lisboa), veio a casar com D. Vasco Lôbo da Silveira, 2.º Conde de Oriola e 9.º Barão de Alvito, cujo palácio se si-

tuava na Boa Vista (Conde Barão), ligando-se dêsse modo os Almadãs Carvalhais aos Lôbos da Silveira. Chamava-se a senhora D. Inez Margarida de Lencastre, dama da rainha D. Maria Sofia de Neuburg, e era a proprietária de uns terrenos no Bairro Alto e Calhariz de hoje, os quais ela vendeu por 18.000 cruzados (Júlio de Castilho, ob. cit.) a D. Francisco de Sousa, morgado do Calhariz, seu parente, para êste erguer o palácio do Calhariz (1703). D. Inez Margarida, Almada por seu pai, tinha chãos seus neste sítio. Teria nêles assento alguma casa onde vivesse algum ou alguns Almadãs? Isto é apenas uma presunção muito frouxa para a decifração do problema toponímico, mas não é descabido apresentá-la.

Mas voltemos ao Palácio Azambuja. Diz Castilho, e nós completamos em «Peregrinações», vol. V — depois de reproduzirmos também, então já a mêdo, a versão que o meu prezado Rocha Martins repetiu do Mestre —, que o Marquês de Valada vendeu o palácio do Calhariz ao «conselheiro Tôrres, par do reino», do qual passou ao Conde de Azambuja, por cabeça de sua mulher, a Condessa, enteada do Conselheiro Tôrres. Nas «Peregrinações» precisamos as datas: 1867 venda do palácio pelo Marquês de Valada ao conselheiro Tôrres; em 1922 D. José de Melo, da família Azambuja, vendeu o imóvel a Manuel Henriques de Carvalho, recentemente falecido, que fez encurtar o átrio, revestindo-o de belos azulejos setecentistas (por tal sinal provenientes de um palácio de vila de Almada, e que o meu saúdoso amigo H. de Carvalho, dado a antigüidades, adquirira num «rescaldo»).

Agora, e por curiosidade, podemos acrescentar alguns pormenores à história do imóvel do Calhariz.

Em Maio de 1863 foram abolidos todos os morgadios. Logo nesse ano o Marquês de Valada, D. José, casado com a Marquesa D. Maria Isabel do Carmo Paula Máxima Gonzaga de Bragança, filha dos Duques de Lafões, propôs em juízo um inventário para separação dos bens, em cumprimento da lei da abolição dos morgados, e por sentença de 20 de Outubro dêsse ano, do juiz Dr. José Caldeira Pinto de Albuquerque, o palácio do Calhariz ficou pertencendo ao menor, então de 9 anos, sucessor imediato do Marquês, e seu filho, D. Francisco Xavier de Meneses, 2.º Conde da Caparica, e lançado na sua mea-

ção, ficando contudo o Marquês como usufrutuário e administrador, em virtude da disposição do artigo 2.º da lei da abolição.

Em 1867 pretendeu o Marquês realizar uma operação que fôsse vantajosa para o filho, e para êle, evidentemente: desfazer-se do Palácio do Calhariz e comprar um palácio e quinta na Junqueira, propriedade de D. António da Silva Pessanha, e de sua mulher, D. Rita Cássia de Noronha, Condessa das Alcáçovas, pois fôra casada em primeiras núpcias com D. Francisco de Sales Vasconcelos de Lencastre, 1.º Conde das Alcáçovas.

Em 12 de Janeiro os Marquesses de Valada fizeram uma escritura de promessa de venda a Francisco José da Silva Tôrres, proprietário, morador então na Rua das Pedras Negras, n.º 39, e que ainda não era par do reino, achando-se presente o Dr. Caetano Campos de Andrade, curador dos órfãos, e representante do pequeno Conde da Caparica, e recebendo logo o Marquês 13 contos, com destino taxativo à aquisição da quinta da Junqueira, mas hipotecando, para a hipótese de a venda não se poder realizar, e assim garantir o dinheiro avançado, as suas herdades dos Algarves, do Conde, das Casas Altas e do Grão, tôdas no concelho de Évora. O preço total de venda do palácio do Calhariz, com os n.ºs 13-A e 15-A, antigos, e, então, modernos, 15 a 21 do Largo do Calhariz, e com a frente para a Rua da Cruz de Pau, e face também para a Rua da Bica Duarte Belo — era de 23.500\$00. O valor dado pelos louvados era de 12.708\$00.

Logo dois dias depois os Marquesses de Valada celebraram a escritura de compra do palácio e quinta da Junqueira por 13.175\$600 com os citados Silva Pessanha e Condessa de Alcáçovas.

Em 9 de Fevereiro para autorizar a venda definitiva do palácio do Calhariz reuniu-se o conselho de família do menor Conde da Caparica, composto pelo juiz Dr. Martins Vilaça, e pelos Marquês de Ribeira Grande, Conde de Peniche, D. José Correia de Sá e D. Pedro de Portugal e Castro, êste a substituir D. José Félix da Câmara. O representante do Marquês era o seu advogado Dr. António da Costa Hol-tremam, que expôs as vantagens da troca. O palácio da Junqueira ficava de administração do Marquês, mas hipotecado ao filho menor, para sua garantia no caso da morte do pai, visto ser o Conde o verdadeiro proprietário. E o restante, ou seja a diferença entre o preço

de venda prometida do palácio do Calhariz e o custo real do da Junqueira, convertia-se em inscrições. Mas como havia ainda entre o Marquês e a Misericórdia de Braga um litígio antigo, sobre suposta dívida e juros, o Marquês, para não embaraçar a questão, acordou no pagamento de 4.500\$00 à Misericórdia de Braga, e para que o filho menor e tutelado ficasse também garantido, a seu tempo, com êsse dinheiro, foi-lhe hipotecada a quinta do Poço de Cortes, em Santa Maria dos Olivais, arredores de Lisboa. O jovem Conde de Caparica ficava bem defendido.

Em 22 de Fevereiro, por escritura assinada no próprio palácio do Largo do Calhariz, foi efectivamente comprado pelo futuro conselheiro Silva Tôres o imóvel desvinculado, livre e alodial, entregando o comprador o que faltava: 10.500\$00. Por uma cláusula contratual o novo senhor do palácio, que fôra dos Valadas — e suposto, no século XV, do Conde de Avranches e dos Távoras — só seria despejado e entregue em 31 de Julho. E assim sucedeu, em 1867. Mas não tardou muito a cair na casa dos Condes de Azambuja, que aliás o não nobilitaram.

Hoje — não tem nada de palácio. Não passa de um prédio de rendimento, trivial, barafunda de tribunais do crime, como fôra há poucos anos agitação de imprensa e de política.

Não foi só o Embaixador de Espanha que ali morreu na manhã de 1 de Novembro de 1755, sob as paredes em derrocada. Foi todo o passado do palácio — bastante indecifrável à frouxa luz de notícias ou documentos.

Os monumentos de que Lisboa falece

Resumo da conferência realizada
na nossa sala em 20 de Abril último

pelo Dr. AMADEU FERREIRA DE ALMEIDA

O illustre diplomata, que pela sétima vez tratava de assuntos citadinos, cumprimentou vivamente os srs. Architecto António do Couto e Escultor Diogo de Macedo que se encontravam na mesa, e passou a referir-se ao livro de Francisco de Holanda, cujo título parafraseou, mas onde pouco aprendeu, pois se Lisboa ainda de tanta coisa «falece» hoje, o que seria no tempo de Francisco de Holanda em 1571! Holanda foi porém o precursor das «Águas Livres» cuja construção e duas fontes monumentais, constituídas por elefantes, propunha a D. Sebastião; êste infelizmente morreu em África e Lisboa continuou a morrer de sede! As outras propostas de Holanda, que tão pouco se realizaram, consistiam em muros, bastiões e baluartes, que fôra estudar a Itália, na «Porta da Cruz», para a defesa da capital; um projecto de Paços Reais dentro do Castelo e dos Paços d'Emxobregas com um belo parque semelhante ao de Fontainebleau. Não se deteve o conferente no estudo dos edificios monumentais que a Lisboa faltam, tais como: Palácio de Justiça (lindos em Bruxelas e Viena), Biblioteca Nacional (modelares as de Copenhague e Oslo), Banco de Portugal (grandiosos em Oslo e Santiago do Chile), e um Hospital Modêlo, que devia ser municipal como em tôda a Escandinávia, e que talvez nenhum dos presentes verão terminados, se pensarmos nas obras de Santa Engrácia, nas tôrres do Palácio da Ajuda e até na da Sé da sua terra (Faro) caída pelo terremoto e jámais erguida; pela morosidade das nossas obras como a do Torreão da Alfândega, no Terreiro do Paço, que só foi terminada 80 anos depois de iniciada a sua construção e a do Arco da Rua Augusta que levou mais de 100 anos a concluir, havendo já então falecido os seus architectos!

Insistiu ainda sôbre a estatuária de que Lisboa carece para vir a ser uma cidade linda, e não como disse a poetisa D. Fernanda de Castro — uma cidade quási linda e quási feia — com o rio pojado de barracões impróprios, e desfeada por vielas de bairros inhóspitos.

Não nos faltam bons escultores e architectos, e não devemos esquecer que Teófilo Gautier disse:

*Tout passe. — L'art robuste
Seul a l'éternité.
Le buste
Survit à la cité,*

*Et la médaille austère
Que trouve un laboureur
Sous terre
Révèle un empereur.*

O que precisavamos era criar o Atelier-Museu Nacional de Escultura como o que na Noruega foi dado a Vigeland que em pouco tempo produziu 1.700 estátuas para o Parque de Oslo, sendo 300 para uma Fonte Monumental. Em Lisboa porém têm ultimamente desaparecido mais estátuas do que têm sido erigidas: foram-se os bustos do Jardim da Estrêla, D. Maria I, as 4 estátuas da Avenida que, por fazerem falta, deviam ser substituídas pelas de Ulisses, Júlio César (que denominou Lisboa *Felicitas Julii Olissipo*), Infante D. Henrique, Bartolomeu Dias, Gama e Cabral, ou outros navegadores cujos gessos existem na Sociedade de Geografia. Nos dois primeiros talhões à entrada da Avenida deviam erguer-se duas estátuas de pedestal simples mas com os cavalos empinados (coisa desconhecida em Portugal) tendo montados as duas personagens mais conhecidas no estrangeiro: D. Henrique e Gama (no seu tempo Papas, Rainhas e Cardeais montavam a cavalo), assim como à entrada dos Campos Elísios em Paris se ostentam os belos cavalos de Marly por Coustou. Em vez de construirmos como «Altar da Pátria» um Arco de Triunfo, já demolimos os de Santa Catarina, Santo Antão, Santo André e de S. Bento, estando o mesmo premeditado para o do Marquês de Alegrete. A revista «Vida Mundial Ilustrada» de 13 de Abril de 1944 fez um apêlo ao Grupo «Amigos de Lisboa» para que promova, por meio de subscrição pública, um grande monumento a Ulisses ou o Arco de Triunfo, ao cimo da Avenida da Liberdade, juntando que a Colónia Portuguesa do Brasil já uma vez pensou em mandar erguer êsse arco que dominaria a cidade até ao mar. O Arco de S. Bento não devia ter sido demolido, ainda que tivesse de ficar isolado no seu lugar. Vejam o que aconteceu aos de Constantino e de Adriano em plena Roma, e aos de S. Diniz e S. Martin isolados nos Boulevards de Paris. Se não era bastante belo, aplicavam-se-lhe altos relêvos, semelhantes aos de François Rude, no da Estrêla em Paris, e para lhe dar altura encimava-se com uma bela Quadriga romana de bronze, como se vê em muitos edificios e arcos da Europa, menos em Lisboa, onde êste belo elemento decorativo só ainda apareceu nos cinemas no anúncio da firma importadora de filmes «Triunfo» e que é apenas uma triga! Verberou a irreverência dos portugueses para com as estátuas, o que devia ser severamente punido: partiram os dedos à Verdade de Eça, roubaram o busto de António Nobre em Coimbra e agora a espada do Viriato de Benliure em Viseu; e se o escudo do Brasil, encostado à estátua do Rossio, ainda lá está, é pelo local ser muito freqüentado. Passou em revista os monumentos de Lisboa de que muito aprecia o de Eça e a graciosa Fonte de João Silva escondida na pergola do Parque Eduardo VII, quando devia ser trazida para entre as colunas do Teatro Nacional, no Rossio. Lisboa só tem uma estátua equestre, deviam cá ter ficado réplicas das de D. João IV e de Mousinho, se bem que ainda de estilo clássico. Recomenda aos escultores o estudo dos cavalos em movimento: na estátua do Bispo de Absalon, fundador de Copenhague, em tôdas as estátuas de Bolivar, Artistas e San Martin na América do Sul, e bem assim no quadro do Príncipe Baltazar Carlos, filho de Filipe IV, de Velasquez, no Museu do Prado, os cavalos estão empinados com as crinas ao vento, o que é muito mais

belo⁽³⁾. Nas Quadrigas, com que devemos dotar Lisboa, os cavalos deverão ficar também em movimento; e nestas graciosas posições se veem no alto de monumentos como a Catedral de Veneza, o pórtico do Sacré Cœur de Paris e a grande Ópera de Viena. Tendo um documento oficial acabado de revelar que se pode hoje terminar uma estátua por 140 contos, deviam o Estado e a Câmara orçamentar algumas cada ano, tais como as de: S. Vicente, Santo António, Gil Vicente, Herculano, Garrett, Camilo, João de Deus, etc. Chamou a atenção do auditório para as 6 soberbas colunas monolíticas que formam o Arco da Rua Augusta, que não sabe de onde vieram, mas que, se temos pedras de tal grandeza, deviam ser trazidas para tôdas as nossas praças, encimando-as de qualquer elemento decorativo, com fêz Veneza com o seu Leão Alado, ou simplesmente dum capitel. Disse que o recente livro romântico e optimista do sr. Norberto de Araújo «Legendas de Lisboa», que lhe recorda a definição de Florença por Campoamor: «Basar de bagatelas imortais», considera a estátua de D. José a «mais bela do orbe»... Seria preciso porém retirar-lhe as grades, e construirmos mais, pois qualquer cidade de província, em Itália, tem três e de mestres como Donatello, Cellini, etc. Fêz depois um apêlo às Colónias Estrangeiras, que em Portugal enriqueceram e se abrigaram dos horrores das guerras, para que façam alguma coisa pela beleza artística da nossa Capital: a Colónia Espanhola ofereceu a Buenos Aires o seu mais belo monumento, as Colónias Ingêlsas oferecem tórres de relójo a capitais e outras cidades da América do Sul, Roma ofereceu uma das suas colunas a Copenhague — em Lisboa limitam-se a ter velhas igrejas e cemitérios para seu uso pessoal!

Terminou dizendo que a Lisboa faltam dois templos: o dos Carmelitas, que tendo à sua guarda os restos de D. Nuno Álvares Pereira os levaram para um terceiro andar impróprio e com perigo de incêndio, em vez de se reunirem aos Carmelitas das Colónias e do Brasil para construírem no mesmo local uma bela igreja. E o templo de Santo António, nosso padroeiro, porque a capela actual não é condigna, que deve erguer-se, monumental e belo, na esplanada do Castelo, de S. Jorge, a qual, com a demolição das casernas, se deminuiu de fealdade perdeu também altura, dando assim à cidade o aspecto imponente da Acropole Ateniense. Disse que para isto deviam contribuir largamente todos os Antónios de Portugal, Colónias e Brasil, pois temos alguns altamente colocados.

Finalmente mostrou belas projecções dos mais artísticos monumentos de Londres, Roma, Copenhague, Oslo, e para que não se diga: «Bem prega Frei Tomaz...» projectou também fotografias do Museu que ofereceu a Faro e do modelo do túmulo artístico que está construindo na mesma cidade.

(3) Se quiserem estudar atitudes de Cavalos empinados, nunca vistas na Europa, observem a série do fantástico Átrio do Templo de Srirangam na Índia, cuja gravura vem na Enciclopédia Italiana — Vol. XIX, pág. 80 Estampa XXIII.

Relação das casas Foreiras, em 1539,

à Igreja de
S. Cristóvão

por FERREIRA DE ANDRADE

(Continuação do número anterior)

23.^o — A ditta Igreja tem na sua fregesia hūas casas junto com o adro as quaes são dos Beneficiados insolito e sam de comprido de norte ao sul pella banda do Leuante dez varas e de comprido pella banda do ponente do norte ao sul dez varas e de largo do Leuante ao ponente pella banda do norte quatro varas e mea escasas e pella banda do sul de largo do Leuante ao ponente duas e duas terças escasas e partem do norte com casas do titollo do Priorado da ditta Igr^a e do sul com o adro da ditta Igreja e do Leuante com trauessa pubrica e do ponente com casas de Belchior Carvalho as quaes ora traz o ditto Alexandre Lopes. E paga por natal quatro centos rs e duas galinhas e he a segunda pessoa.

A margem vem escrito: Este prazo em vidas se reduzio a prazo emfiteuta sendo enfiteuta o D^or Gaspar Gomes Fizico de Elrey por escritura f^{ta} nas nottas do T.^om Pedro Thome em 9 de Julho de 1587, e por Bulla q̄ alcançou do sr. Cardeal Infante. Pessue hoje (?) José Nunes da Sylv.^o com foro 600^{rs}.

(Pedro Tomé, tabelião, diz-nos o Livro de Lançamento e Serviço etc., residia, em 1552, em uma das Duas ruas q̄ começo de San Xpuão pera San Lourenço: — pero tome tabalião etc.).

24.^o — A ditta Igreja hum asentamento de cazas com um recebimento na sua fregesia junto com a ditta Igreja na rua direita que vem diante da porta principal ⁽²⁶⁾ as quaes foram medidas por fora pellas bandas do Leuante e do norte e sam de largo de norte ao sul pella banda do ponente doze varas e terça bem medidas. E sam de comprido do Leuante a ponente pella banda do norte dezanoue varas. E sam do largo do norte ao sul pella banda do Leuante dezasete varas e forão medidas por dentro pella banda do sul e sam de comprido do Leuante ao ponente pella ditta banda do sul vinte varas tirando aqui as larguras das paredes que vão no meo. E partem do Lenante e do ponente e do norte com ruas publicas e do sul com cazas dos Beneficiados em solito. E parte da banda do norte com trauessc

(26) Actual rua de S. Cristóvão.

que vay da rua pubrica p.^a achada ⁽²⁷⁾. E do poente com rua q̄ vay da igreja para as fontainhas ⁽²⁸⁾. E do Leuante com traueſsa que vem do terreyro de Diogo pires ⁽²⁹⁾ para as casas de f.^{co} fernandes e dentro neste asentamento no quanto do norte vay hũa casa q̄ pertence aos Beneficiados emſolito o qual ora traz dona Maria deça molher de Dom Afonço irmão do Marquez de Villa Real q̄ aja gloria. E paga por Sam Joham derradeiro quinhentos rs E seis g.^{as} e he a primeira pessoa.

Escrito à margem: Todo este chão se dividio em tres moradas de cazas q̄ hoje rendem 1800 rs emfatiota a q̄ se reduzio este prazo em vidas por Bulla App.^a no tempo do sr. Cardeal Inf.^{ta} como consta de hum emprazam.^{to} feyto ao D.^o Gaspar Gomes no anno de 1587 aos 9 dias de Julho nas Nottas de Pedro Thome ⁽³⁰⁾.

25.^o — A dita Igreja tem hũ pardieiro q̄ foy lagar de azeite junto com esta cazinha e terreyro o qual ora traz a dicta Dona Maria místico com as cazas e pagua o sobredito foro. O qual he de comprido de norte ao sul pella vanda do Leuante treze varas e parte do norte com cano q̄ he entre ho ditto pardieiro e as casas de Ruy fernandes.

26.^o — A ditta Igreja tem hũa casa no cabo do adro na banda do norte na calcada q̄ decende do ditto adro p.^a a porta noua ⁽³¹⁾ a qual traz Pero d'andrade E he de comprido do Leuante ao ponente para a banda do norte cinco varas e mea. E por a banda do sul do Leuante a ponente seis varas e mea E de largo de norte a sul pella banda do Leuante ao longuo da rua tres varas e oytava e de largo do norte ao sul pella banda do ponente duas varas e mea. E parte a ditta casa com chão que foy lagar de azeite do titollo do Priorado da ditta Igreja Do Leuante com rua publica que vay de São Xpouam p.^a Sam Lourenço ⁽³²⁾ e do sul com a ditta calçada que descende p.^a a porta noua e do ponente com casas do Hospital e as do Hospital tem hũ portal na logea da ditta casa o qual se deue tapar. A qual casa ora traz o ditto P.^o de Andrade e pagua cincoenta rs. e hũ frangão por Sam Joam e he a primeira pessoa.

À margem está escrito o seguinte: Possue este prazo na pr.^{ta} era de 1737 D. Brites Paula em p.^a vida e paga de foro 120 rs e o chão de q̄ se faz menção neste Item de q̄ foi lagar de az.^{ta} pessue a mesma D. Brites com o foro de 400 rs tão bem em pr.^a vida.

⁽²⁷⁾ Actual beco do Jasmim.

⁽²⁸⁾ Rua de S. Cristóvão.

⁽²⁹⁾ Esta artéria discorria, pouco mais ou menos, por onde hoje segue o beco de S. Francisco.

⁽³⁰⁾ Em um dos prédios da actual rua de S. Cristóvão está aposta uma lápida que acusa o aforamento à igreja de S. Cristóvão (ver nosso trabalho já citado).

⁽³¹⁾ Sem dúvida a desaparecida rua da Mangalassa. Esta artéria corria por onde hoje se abre a porta n.^o 21 da rua de S. Cristóvão e estabelecia a ligação entre esta e o beco do Rozendo.

⁽³²⁾ Actual rua de S. Cristóvão.

27.º — A ditto Igreja tem outras cazas q̄ tem dous sobrados na rua que vay do adro de São Xpouão p.^a as fontainhas ⁽³³⁾ as quais traz Gonçalo Mendes caçolo a Dayl mor e paga p.^a hũa missa cantada por dia de São Nicolao quatro centos rs do censo e forão medidas e tem de comprido do Leuante ao ponente sete varas bem medidas e de largo do norte ao sul quatro varas e mea. As quais casas partem do sul com casas da sogra de Ruy fernandes e do norte com casas de Diogo Lobo Escrivão do Hospital e do Leuante com quintal da ditto Igreja E do poente com rua publica.

A margem vem: Paga este censo o Medico Fran.º Mrz ° de Oliveira q̄ pesue as cazas deste Item e dentro nellas se a acha metido o prazo em vida q̄ consta do Item 19 deste Tombo.

28.º — A ditto Igreja tem hũas casas na sua fregesia na rua direita q̄ vay do adro da ditto Igreja para o cham dalcamy defronte do Regedor ⁽³¹⁾ e trallas João defigeiro e paga em duas pagas por natal e São João derradeiro mil e duzentos rs que tem de largo do norte ao sul quatro varas bem medidas e tem de comprido do Leuante ao ponente sete varas e mea e partem da banda do norte com casas de Hieronimo afonço carpinteiro e da banda do sul partem com casas de P. Felipe (?) Cabral E da banda do Leuante partem com rua publica e da banda do poente parte com casas do Almazem e he emfatiota.

29.º — A ditto Igreja hũa casa sobradada q̄ vem da ditto Igreja para as fontainhas q̄ tras Afonso Gomes carpinteiro as quaes são de comprido do Leuante ao poente tres varas e hua terça E de largo do norte ao sul duas varas e duas terças. E partem do norte com casas de Ruy fernandes e do sul com casas do ditto Afonso Gomes e do poente com sua publica que vem da ditto Igreja pera as dittas fontainhas E paga de foro duzentos rs por hũa missa cantada e tres rezadas por Paschoa e he a p.^a pessoa e foy presente ao medir.

Nas margens da fôlha onde êste tombo vem lançado está escrito: Este prazo hachasse mettido nas cazas do Ten.^{te} João Baptista de Aragão ⁽³⁵⁾ e a este se acha unida a p.^{ta} das cazas do mesmo ten.^{te} com a obrigaçam de hũa missa. E: Missa conforme ao Item 165 e paga de esmolla e offerta 340.

30.º — A ditto Igreja tem outra casa na ditto rua direita que vay da ditto Igreja para as fontainhas ⁽³⁶⁾ q̄ tras Christouão pinheiro Beneficiado em São Gião e tem de largo do norte ao sul cinco varas e mea, e de comprido do Leuante ao ponente tem cinco varas e mea e parte da banda do norte com cazas de Maria fernandes. E do sul com casas do almoxarife de Belem e da banda do Leuante

⁽³³⁾ Rua de S. Cristóvão.

⁽³⁴⁾ Actual rua do Regedor.

⁽³⁵⁾ Dêste Tenente João Baptista de Aragão, que pertenceu ao Regimento do Coronel Conde de Cuculim, sabemos que descendia o sargento-mor Nuno José de Aragão proprietário que foi (fins do século XVIII) do prédio n.º 1 e 3 da rua das Farinhas (Ver nosso trabalho já citado).

⁽³⁶⁾ Actual rua de S. Cristóvão.

com quintal do Doctor Gaspar Vaz e do poente com rua publica E pagua da senso cento e oitenta rs, para noue missas rezadas pellas almas de João Afonço e sua molher.

31.º — A ditta Igreja tem outras casas q̄ estão na rua de Diogo pires (37) que tras francisco pires preto a saber o alto dellas e paga cento e cincoenta rs da censo por São João de cinco missas rezadas. E a logea trala m^a aluso e paga outros cento e cincoenta rs da censo doutras cinco missas rezadas por São Joam e tem seis varas e mea de largo de norte ao sul e de comprido tres varas e mea do Leuante ao poente. E parte do norte com quintal da ditta igreja e da banda do sul com casas de Pero Roiz cunhado do ditto Ruy fernandes e do Leuante cõ rua publica e do ponente emtesta com casas de G^o Mendes çaquolo.

32.º — A ditta Igreja tem outras casas que tras Catherina jorge veuua. E tem cinco varas e quarta bem medidas do largo do Leuante ao ponente e de comprido tres varas e hũa terça do norte ao sul e parte do Leuante com Pero pacheco e emtesta do norte com casa de Dona Beatris Correa e da banda do sul com o terreyro do ditto Dioguo pires (38) e do ponente com a trauessa que vay do ditto terreiro p^a a rua das fontainhas (39). E paga quatro centos rs de hũa missa cantada pellos Santos pella alma de Dona Beatriz e he a p^a pessoa.

33.º — A ditta Igreja tem outras casas q̄ tras Simão de Lemos e tem de comprido noue varas de Leuante e ponente e de largo hũa vara e quarta no mais largo e do norte ao sul e da banda do ponente parte com o ditto terreyro do ditto Diogo Pires e tem dous sobrados e duas camaras e hũa logea. E paga por natal duzentos rs e tres g.^{as} e he a pr.^a pessoa.

34.º — A ditta Igreja tem outras casas na rua da Achada que traz Ines fernandes e tem de comprido quatro varas e mea de Leuante a ponente e de largo quatro varas e duas terças do norte ao sul Epartem da banda do sul com cazas de francisco fernandes e da banda do norte e Leuante com rua publica e do sul emtesta com cazas de Fr.^o fernandes. E para cem rs. de hũa missa cantada por natal e de da Censo.

35.º — A ditta Igreja tem outras casas q̄ tras Moor diz que estão detraz

(37) A rua de Diogo Pires de que nos fala êste Tombo é, quanto a nós, a antecessora do actual beco de S. Francisco, artéria esta de que já falámos na nota n.º 29 quando tratámos da travessa que vem do terreyro de Diogo pires etc. Dêste terreiro de Diogo Pires falaremos adiante.

(38) A denominação actual dêste pequeno recanto é largo das gralhas. O Livro de lançamento e serviço, etc., cita-o como Rua do Terreirinho cõ seus becos. Ignoramos qual o nome que Cristóvão de Oliveira lhe atribui, pois o Sumário diz-nos que existiam em S. Cristóvão dois terreiros: o do cu do cão e o de João Chaves. Qual dêstes topónimos se refere ao largo das Gralhas?

A designação actual vem, ora como terreiro ora como terreirinho, desde 1598 (Livro de Visitação da Igreja de S. Cristóvão).

(39) Actual beco das Gralhas.

da ditta igreja defronte das casas do Conde da Castanheira ⁽⁴⁰⁾ que tem de largo da banda do norte ao sul tres varas e de comprido noue varas do Leuante ao ponente E partem da banda do norte com casas q̄ forão de Diogo Belmonte e da banda do sul com cazas de Marcos Gil contador da Corte e parte do Leuante com rua publica e do ponente com travessa que vay de igreja p.^a as cazas de francisco fernandes e paga vinte e sete rs por Paschoa da Censo.

36.º — A ditta Igreja tem outras casas q̄ estão caydas de traz da ditta igreja que são de fr.^{co} coelho estribeiro moor da Rainha que tem de largo cinco varas e duas terças do norte ao sul e de comprido sete varas e mea do Leuante ao ponente e partem da banda do ponente com casas do Pintor ⁽⁴¹⁾ e da banda do Leuante parte com terreiro das casas do Conde da Castanheira e da banda do norte com rua publica e do sul com casas de Dom Alvaro ⁽⁴²⁾ e paga trezentos e nouenta e seis rs por natal e he a Censo dona Antonia sua molher.

37.º — A ditta Igreja tem outras casas pegadas com estas assima q̄ estão detraz da ditta igreja que trazem os herdeiros do pintor a saber Izabel ferreira sua filha e Simão ferreira clerigo de missa morador em Colares ambos irmãos que sam de comprido do Leuante ao ponente cinco varas e mea e de largo ao sul digo e de largo do norte ao sul oyto varas e partem da banda do sul com travessa q̄ vay do adro da igreja p.^a a costa e da banda do Leuante com casas do ditto Fr.^{co} Coelho estribeiro da Rainha que tambem são da ditta igreja e do norte com rua publica e do ponente com o adro da igreja e paga do Censo cem rs p.^a hũa missa cantada por dia de todolos Santos da Censo ⁽⁴³⁾.

38.º — A ditta Igreja tem outras casas q̄ traz Marcos Gil ⁽⁴⁴⁾ contador de que paga da Censo corenta rs e tem de norte ao sul de largo quatro varas bem medidas da banda do adro e de comprido de Leuante ao ponente noue varas e parte da banda de norte com casas de Moor diz e da banda do sul com casas de Christouão frões e afoço anes carpinteiro foreyro ao Salvador e da banda do Leuante com rua publica e da banda do ponente com o adro da ditta Igreja.

⁽⁴⁰⁾ 1.º Conde da Castanheira, D. António de Ataíde, valido do D. João III. Este fidalgo habitou o Palácio que mais tarde veiu a pertencer aos Condes de Atalaia e Marqueses de Tancos.

O local onde as casas referidas no Tombo se erguiam julgamos ser o que hoje está occupado pelo Recolhimento de S. Cristóvão.

⁽⁴¹⁾ Ignoramos em absoluto qual seja o artista a que o Tombo se refere. A Cristóvão Utrech, o presumível autor do retrato de D. João III, que o *Livro de lançamento e serviço*, etc., nos diz ter residido, perto, no Chão do Loureiro?

⁽⁴²⁾ Refere-se a D. Álvaro de Bragança, proprietário, como já dissemos, dos antigos Paços de S. Cristóvão. A citação de que as casas descritas no Tombo *partiam* com as de D. Álvaro é engano do escrivão que copiou o documento, pois entre estas propriedades existia, como hoje, uma artéria — o prolongamento da calçada do Marquês de Tancos.

⁽⁴³⁾ Esta propriedade e a outra a que se refere o Tombo anterior ficavam localizadas onde hoje se ergue o prédio n.º 3 e 4 que esquina do largo de S. Cristóvão para a rua da Achada, prédio êste que confronta com o Palácio Tancos.

⁽⁴⁴⁾ Ver *tombo* n.º 35.

39.º — A ditto Igreja tem outras casas de Fernão Lopes de Serpa as quais ora traz Izabel Cardosa molher q̄ foi do Doutor Afonço frz e tem de largo da banda do Leuante ao poente oyto varas e mea e de comprido quatro varas e mea do norte ao sul e parte da banda do Leuante com casas do Alcayde João Nunes (45) e do sul e ponente com rua publica e do norte com casas do ditto Alcayde e paga duzentos rs da censo os quais pagua o ditto fernão Lopes de Serpa por São João primeiro e assi paga trinta rs de hũa missa rezada pellos santos.

40.º — A ditto Igreja tem na ditto sua fregesia hũas casas deribadas a Costa (46) que tras francisco Borba beneficiado na see que sam de largo do Leuante a ponente onze varas E de comprido de norte a sul seis varas E partem da banda do norte com casas delle ditto Francisco Borba e com casas de Ana diz e da banda do sul com rua publica e do Leuante com a Costa e do ponente com casas de Calherine Luis e paga da censo duzentos e oytenta rs pellos santos e foy prezente ao medir.

41.º — A ditto Igreja tem hũas cazas sobradadas na travessa que vay da rua das farinhas para a Achada (47) que tras Guiomar Sardinha que sam de comprido do norte ao sul seis varas e mea e de largo do Leuante ao ponente tres varas E partem do Leuante com casas da ditto Igreja de São Xpuam que tras fernão Roiz pedreiro e da parte do poente com casas da See q̄ tras a ditto Guiomar Sardinha e do norte com rua publica e emtesta ao sul com casas de Catharina jorge e paga da censo cem rs e foy prezente ao medir.

42.º — A ditto igreja tem outras na rua das flores em que vive fernão Roiz pedreiro e tem de comprimento cinco varas e terça e de largo tres varas e mea e tem dous sobrados a saber hũa casa dianteira e duas camaras E parte da parte do Leuante com Bastião de Aguiar e do poente parte com Guiomar Sardinha E do norte com rua publica e paga oytenta rs e hũa galinha por natal e he a segunda pessoa as quaes tras o ditto fernão Roiz pedreiro.

43.º — A ditto Igreja tem outras cazas en q̄ vive Henrique frz e tem em

(45) João Brandão (Buarcos) fala-nos no seu *Tratado* de um Alcaide João Nunes que certamente é a mesma pessoa a que se refere êste Tombo: *Joã Nunez — A vara que foi de Joam Nunez, que ora se deu novamête, tem ho mesmo ordenado e homes, que valẽ outros cento e xxxb mill e ij.º rs.*

Diz-nos Cristóvão de Oliveira que eram 6 os Alcaides de cidade: *Quatro alcaides, E cada hũ tem doze homẽs s. oito de chuças E quatro despadas, que sam corenta E oito homẽs. Outros dous Alcaides, hum tem oito homẽs de chuças, E o outro seis de chuças, E dous despadas, que são dezasseis.*

(46) Refere-se o Tombo à rua do pé da costa (calçada do Marquês de Tancos).

(47) É, sem dúvida alguma, a rua das Flores, embora neste documento, no lançamento seguinte, esta designação toponímica já nos apareça.

A rua das Flores, ao contrário do que sucede à maioria das artérias, desceu de categoria com o rolar dos tempos; hoje é — diz-nos o dístico camarário — simplesmente *beco das Flores*.

comprido cinco varas e em largo quatro varas e tem duas cazas em baixo hũa logea e sobre logea e em sima hũa caza dianteira e hũa camara E partem do Leuante com cazas de João Roiz clerigo e da parte do norte com casas de Margarida gonçalves e do poente e sul com ruas publicas e paga por São Joam primeiro cem rs e duas galinhas e he a primeira pessoa.

44.º — A ditta Igreja tem outras casas q̄ tras Barbara Luis manteãgeira (48) E paga da censo cinquenta rs de hũa missa cantada pella alma de Maria Vaz e he de comprido do Leuante ao ponente sete varas e mea e de largo de norte ao sul quatro. E parte da banda do norte com Antonio diz e da banda do sul parte com Izabel Varela molher que foi de P.º Afonço e da banda do Leuante com a costa E do poente com beco q̄ estando dentro no chão do Loureiro (49).

45.º — A ditta Igreja tem na sua fregesia na rua das farinhas outras casas q̄ traz Gaspar bargo paga de foro por São Joam Baptista primeiro trezentos rs e tres galinhas e he a primeira pessoa e he de comprido do Leuante ao poente onze varas e mea e do norte ao sul de largo tres varas e hũa terça e parte da banda do norte com Gil Pato e com suas cazas e do sul com Margarida Gonçalves ama do Governador e do Leuante com Alvaro frs clerigo e do poente com rua pubrica.

46.º — A ditta Igreja tem outras cazas na sua freguesia q̄ traz Antonio frões e são de largo do norte ao sul cinco varas e terça bem medidas e de comprimdo do Leuante ao ponente seis varas E parte da banda do norte com Roque Aluso criado do Regedor (50) E he do sul com casas de Gaspar de Carvalho e do Leuante com rua pubrica que vay de São Christouão para o chão Dalcamy e do poente com o quintal das mesmas cazas e são de dous sobrados e paga cento e des rs da censo.

Titollo da fregesia de Santa Justa

47.º — A ditta Igreja de São Xpuão tem hũas casas sotão e sobrado na freguesia de Santa Justa na travessa q̄ vay das casas do Regedor para fundo para Santa Justa (51) as quaes são de largo pella banda do norte quatro varas e sex-

(48) Cristóvão diz-nos que em 1551 havia na cidade corenta E tres manteigeiras; João Brandão (Buarcos) designa o número de dez às molheres que vendem mateigua cozida, sã terem outro officio.

(49) Esta pequena serventia pública perdurou até ao terremoto. Era um beco sem saída que partia da rua do cchão do Loureiro e ia encontrar as trazeiras dos prédios da rua da Costa da freguesia de S. Mamede. Refere-se-lhe assim o Tombo de 1755: corre N. S. e tem de comprido até um largo 109 p. e de largura 12; o largo tem de comprido 43 p. e de largura o mesmo, continuando o Beco até ao fim que tem de comprimento 52 p. e de largura 8.

(50) Regedor das justiças.

(51) Certamente a serventia mais tarde denominada por travessa do Regedor (L.º de Lançamento e serviço, etc., de 412). Ignoramos o nome que Cristóvão lhe atribui. Carvalho da Costa chama-lhe beco do Regedor.

ma bem medidas e desta mesma parte partem com a mesma traueſsa pubrica e pella banda do ſul ſão de largo duas varas e duas terças e desta parte partem com casas do Almazem delRey com a traueſsa cerrada e pella banda do Leuante ſão de comprido cinco varas e desta parte partem com casas de São Lazaro q̄ ora traz Diogo Marques e paga por natal cem rs e hũ frangão E elle he a primeira pessoa.

48.º — A ditta Igreja tem hũas cazas na freguesia de Santa Justa na traueſsa q̄ vem do chãõ dalcamy p.^a a ditta Igreja onde chamão a barreira ⁽⁵²⁾ tres casas terreas hũa casa dianteira e hũa camara e outra casa grande com dous fornos tudo num asentamento o qual asentam.^{to} he de largo pella banda do ponente sete varas e parte desta banda com a sobreditta rua pubrica E pella banda do Leuante sam de largo dez varas e mea e quarta e desta banda parte com quintal do Espital dos Teseloens ⁽⁵³⁾ e pella banda do norte de comprido do Leuante a ponente nove varas e mea e terça e desta parte partem com casas de Bras afonço requeredor e pella banda do ſul de largo do Leuante a ponente oyto varas e mea e duas terças e sexma e desta banda partem com casas de Caterina fialho e trallas Beatriz faleira filha de Guiomar Vieyra e pagua por São João primeiro seiscentos rs e hũa galinha e he a segunda pessoa.

49.º — A ditta Igreja de São Xpouão tem hũa casa ametade sobradada na freguesia de Santa Justa na rua que vem do chãõ dalcamim p.^a a ditta Igr.^a de Santa Justa onde chamão o barreyro a qual he de longo pella banda do ponente do norte ao ſul cinco varas e mea non bem medidas e desta banda com obequo que ora traz Dioguo Lopes em quintal e pella banda do norte de largo de levante a ponente tres varas e desta banda partem com casas de Santa Justa e pella banda do Leuante de comprido do norte ao ſul cinco varas bem medidas e desta banda partem com a sobreditta rua pubrica E pella banda do ſul de largo do Leuante a ponente tres varas e mea escasas e desta banda partem com casas de Izabel Ayres molher veuva a qual casa he sobradada ora traz Caterina Aluso E paga por São João primeiro duzentos rs e duas galinhas e he a primeira pessoa.

50.º — A ditta Igreja tem na freguesia de Santa Justa sotam e sobradado na Rua da Mendoeira ⁽⁵⁴⁾ q̄ vay do Rosio para o postigo do Carmo e ſão de

⁽⁵²⁾ Ignoramos qual o nome que Cristóvão attribui a esta artéria. Em 1755 discorria pouco mais ou menos no mesmo local a rua direita por detrás da Capela mor de Santa Justa (Tombo pombalino). O tal chãõ dalcamy é o antecessor do actual largo do Caldas.

Sobre o local a que se chamava o barreiro, pode o leitor consultar o que dizemos no nosso tratado *A freguesia de S. Cristóvão*.

⁽⁵³⁾ Cristóvão não nos fala d'este hospital; no entanto cita a rua dos Tecelões. Num artigo publicado no n.º 10 de *Revista Municipal*, o Dr. Fernando da Silva Correia dá-nos conta da existência do Hospital dos Tecelões na rua da Mangalassa. Este Tombo confirma em absoluto aquella localização.

⁽⁵⁴⁾ Vem, anos mais tarde, na relação feita por Cristóvão no seu *Sumá-*

largo pella banda do ponente do norte ao sul cinco varas menos oitava e pella banda do norte do Leuante ao ponente quatro varas e mea e quarta e pella banda do Leuante do norte ao sul de largo duas varas e mea e oitava e do norte do Leuante e do sul com ruas publicas e do ponente com casas da ditta Igreja e P.^o Lopes as traz E paga por São Johão primeiro mil e sem reis e he a p.^a pessoa.

51.^o — *A ditta Igreja tem outras casas junto com estas a saber duas Logeas terreas a hũa tem dous sobrados e a outra tem hum sobrado ençima tem hua camara com casa dianteira e cozinha e são todas de largo do norte ao sul medidas pello meio seis varas e de comprido de Leuante ao ponente oyto varas escasas e partem do Leuante com ruas publicas e do norte com corredouro da ditta Igreja que he de comprido do Leuante ao ponente noue varas e terça bem medidas e de largo na entrada do norte ao sul tres varas e oitava o qual corredouro he das dittas casas e partem de banda do sul com casas de ditta Igreja e as tras o ditto P.^o Lopes por o ditto foro atras e he a primeira pessoa.*

52.^o — *A ditta Igreja tem outras casas junto com estas que são de comprido do Leuante ao ponente pella banda do sul noue varas e mea e quarta e de comprido do Leuante ao ponente pella banda do norte doze varas e de Largo do norte ao sul pella banda do Leuante quatro varas e mea e pella banda de largo do norte ao sul pella banda do ponente cinco varas e partem do Leuante com azinhaga e do ponente com rua publica q̄ vay do Rosio p.^a opostigo do Carmo e do norte com outra da ditta igreja e do sul com corredoiro da ditta igreja E do ditto p.^o Lopes e he a p.^a pessoa.*

53.^o — *A ditta Igreja tem hũa orta e herdade junto com as dittas casas a qual he de largo do norte ao sul pella banda do Leuante setenta e sete varas e mea e he de comprido do Leuante ao ponente pella banda do norte ao Longo do muro atee defronte do postigo nuenta e oyto varas e de largo do norte ao sul pella banda do ponente dezasete varas e de comprido do Leuante ao ponente pella banda do sul cento e seis varas. E parte do Leuante cõ azinhaga e junto com o muro com as casas de João de Albuquerque e do norte com muros de dita cidade e do sul e do poente com caminho publico que vem do Rossio p.^a opostigo do Carmo e tambem do sul partem com casas da ditta Igr.^a as quaes tres moradas de casas e orta e herdade com seu olival tudo juntam.^o jaz antre o caminho q̄ vay p.^a o postigo do Carmo do Rosio e o muro da ditta cidade a qual herança (?) ora traz o ditto P.^o Lopes e he a primeira pessoa.*

54.^o — *A ditta Igreja de São Xpvão tem outras cazas na mouraria na rua de Joam douteiro ⁽⁵⁵⁾ q̄ traz Gonçalo frz carpinteiro de cazas que são de largo*

rio: rua da mendoeira. O Tombo que descrevemos marca-nos no entanto o sentido em que discorria.

⁽⁵⁵⁾ Igualmente citada em Cristóvão, mas como *rua de João douteiro*. A primeira vez que nos aparece a rua do Outeiro é em 1495 (L.^o II da Vereação)

oyto varas e mea do norte ao ponente e de comprido seis varas do norte ao sul e sam casas sobradadas com suas logeas emtestam da parte do norte com casas de Catherina pimentel ⁽⁵⁶⁾ detraz e de parte do poente com casas de Diogo frz carpinteiro e da parte do sul com cazas do ditto Gonçalo frz que são da ditta Igreja e da parte do Leuante com rua pubrica.

55.º — A ditta Igreja tem outras cazas misticas com estas que o ditto Gonçalo frz tambem traz q̄ são de comprido do norte ao sul cinco varas e mea e de largo duas varas e mea do Leuante ao ponente q̄ partem da parte do ponente com as sobreditas cazas que elle ditto Gonçalo frz traz de ditta Igreja e da banda do norte emtestão com casas de Maria Roiz molher de João freyre e da parte do Leuante cõ rua pubrica e paga por estas duas moradas de casas trezentos rs e duas galinhas por Natal e he a pr.ª pessoa.

Titollo da fregesia de São Mamede ⁽⁵⁷⁾

56.º — A ditta Igreja de São Christouão tem hũas casas na fregesia de São Mamede sobradadas a saber casa dianteira com sua cantareira e logea de baixo dellas cõ hum quintalinho na rua q̄ vem da Costa para o cham dalcamy ⁽⁵⁸⁾ as quaes são de comprido pella banda do Leuante seis varas e sexma e pella banda do ponente de comprido cinco varas e mea e quarta e pella banda do norte de largo tres varas escasas E pella banda do sul duas varas E parte do Leuante com casas da ditta Igreja de São Christovão e do ponente com casas dos Bachareis da See E da banda do norte com a sobreditta rua pubrica que vem da Costa e da banda do sul com o sobredito quintalinho da ditta Igreja o qual quintalinho he de comprido do Leuante ao ponente duas varas e he de largo do norte ao sul vara e mea o qual quintalinho parte do Leuante e

gão, fl. 17). No ano de 1498 sabemos ter existido um *Joham do Outeiro* (L.º I da Extremadura, fl. 187v) e que morava na rua de Benfica, rua esta que ficava situada entre as *almoinhas do Valle* e o *sitio das olarias* (*Arqueólogo Português*, pág. 272 do Vol. V).

João Brandão (Buarcos) menciona também a rua de *João d'Outeiro* (*Tratado*, etc., pág. 23).

⁽⁵⁶⁾ No *Sumário* vem mencionada a *travessa da pimêtel*. Tomaria esta serventia o apelido da proprietária das casas adjacentes às da igreja de São Cristóvão?

⁽⁵⁷⁾ Para o estudo da freguesia de S. Mamede, desaparecida com o terremoto de 1755, pode o leitor consultar os trabalhos de mestre Júlio de Castilho «Lisboa Antiga» e «Bairro Alto»; «Depois do Terramoto» de Matos Sequeira e ainda a obra do autor «A freguesia de S. Cristóvão».

⁽⁵⁸⁾ Não conseguimos localizar esta propriedade. Temos as nossas dúvidas quanto à via pública citada neste *Tombo*. Refere-se êle a qualquer serventia que descia da encosta do Castelo para o futuro largo do Caldas ou à própria rua da Costa? Esta artéria estabelecia a ligação entre a Costa do Castelo (só muito mais tarde assim denominada) no ponto onde hoje converge a calçada do Conde de Penafiel e o *chão do alcami*, pouco mais ou menos onde principiava o beco dos namorados (e já assim se chamaria?).

do norte com casas da ditto Igreja de São Xpouão e do sul com casas de Ruy da Grã e do ponente com cãsas de Dona Margarida molher q̄ foy de Castanheda e as tras francisca pires molher de João Garcia E paga trezentos e vinte rs por são João primeiro e he a pr.^a pessoa.

57.^o — A ditto Igreja tem outras casas q̄ tras Margarida Garces molher de João da Cunha que partem da banda do poente com casas da ditto Igreja e da parte do Leuante com casas q̄ tras fernão martins do Sacramento da Madanela e parte do norte cõ rua pubrica e por detras ao sul com casas q̄ forão do Lecençeadado Alvaro annes E paga trezentos rs e he a pr.^a pessoa por paschoa E são de comprido pella banda do Leuante oyto varas e quarta E da banda do ponente são de comprido outras oyto varas E quarta e da banda do norte são de largo tres varas e terça.

58.^o — A ditto Igreja tem outras casas em o chão dalcamy q̄ são de largo do norte ao sul, çinquo varas e duas terças e de comprido do Leuante ao ponente seis varas bem feitas e partem do norte com casas de D. Afonso de Menezes e do sul com bequo q̄ vay p.^a huas casas Dandre Valente ⁽⁵⁹⁾ e do Leuante com rua pubrica e do ponente com quintal das mesmas casas e são sobradadas as quaes traz a condessa de Cantanhede ⁽⁶⁰⁾ e paga da censo trezentos e sesenta rs por dia de S. Martinho da Censo.

Titulo da fregesia de São Miguel

59.^o — A ditto Igreja de São Xpouão tem hũas casas sobradadas com seu departamento sotam e sobrado na fregesia de São Miguel defronte da porta principal da ditto Igreja. E partem da banda do Leuante cõ casas de Diogo diaz pescador e cõ bequo ⁽⁶¹⁾ e entesta da banda do norte com P.^e Gonçalves pesca-

⁽⁵⁹⁾ Não será Violante como aparece em outro lançamento?

⁽⁶⁰⁾ A condessa de Cantanhede, D. Brites Soares, que casou com D. Pedro de Menezes, era irmã de Lopo Soares de Albergaria, Governador da India. D. Lopo possuia, também, perto das casas de sua irmã, uma outra propriedade que veiu, mais tarde, a cair na posse dos condes de Avranches (*L. do Lançamento e Serviço*, etc., e documentos do Arquivo particular do Sr. Conde de Almada e ainda *L. I da Vereação* onde nos aparece mencionado um criado de D. Lopo).

⁽⁶¹⁾ Cristóvão dá-nos notícia de existirem, nos meados do Século XVI, dois becos em S. Miguel: O *Beco do Anzinhãl* e o *Beco da rua da Bispa*; e no *Livro de Lançamento e Serviço*, etc., encontramos designados o *beco do Azinhãl* (fl. 602) e o *beco das alcaçarias* (fl. 601).

Neste último documento consta que o tal *Diogo diaz pescador* tinha casas suas na serventia descrita sob o título: *Da freguesia de Sam Miguel se começa no da dita Igreja*. Parece, pois, não restar dúvida que o pescador Diogo Dias, citado nos dois códices, é a mesma pessoa. E, sendo assim, não podemos inferir dêste pormenor que o beco de que nos fala o *Tombo* é o mesmo que no *Livro de Lançamento e Serviço*, etc., vem logo a seguir ao *adro da Igreja*, isto é, o *beco das alcaçarias*? Aqui fica a nota, que não passa, aliás, de simples hipótese formulada.

dor e da banda do sul com o adro de São Miguel as quaes tras Beatriz Luiz e pagua mil rs e seis galinhas a saber a metade por natal e a outra metade por São João deradeiro e he a segunda pessoa as quaes casas são de Largo do Leuante ao ponente duas varas e mea e de comprido do norte ao sul seis e mea.

Titulo da freguesia de São Gião ⁽⁶²⁾

60.º — *A ditta Igreja tem huãs cazas sobradas na fregesia de São Gyão na rua da Salvagem ⁽⁶³⁾ as quaes são de comprido do norte ao sul cinco varas e ayttau e de Largo do Leuante ao ponente quatro varas e duas terças e do norte parte com cazas da cidade e do sul com rua publica q̄ vay da ditta rua da Salvagem para a rua das Esteiras ⁽⁶⁴⁾ e do Leuante parte com a ditta rua da Salvagem e do poente com cazas dafonço Martins Ourives as quaes ora traz Anna Dias m^{er} q̄ foy de Henrique estua. E paga por natal setecentos rs e duas galinhas e he a pr.^a pessoa.*

61.º — *A ditta Igreja tem outras casas a Santo Spirito da pedreira ⁽⁶⁵⁾ q̄ tras Belchior Carvalho escrivão da Casa da India o qual paga mil e quatro cen-*

⁽⁶²⁾ S. Julião.

⁽⁶³⁾ Vem mencionada em Cristóvão. Carvalho da Costa e Baptista de Castro citam-na igualmente: o primeiro fala da *rua dos Salvagens* e da *travessa do Salvagem* e o segundo sòmente da *rua dos Salvagens*. Esta serventia tinha em 1755, da parte pertencente ao Bairro do Rossio, 127 palmos de comprimento e 9 de largura, e, da restante pertencente ao Bairro da Rua Nova (desde o largo da travessa da rua das Esteiras até ao cunhal do Calçado Velho) 278 palmos de comprimento e 9 de largura (Tombo pombalino).

⁽⁶⁴⁾ Certamente a *travessa da rua das Esteiras*.

A primeira vez que nos aparece mencionada a *rua das Esteiras* — artéria que estabelecia, como a rua dos Ourives do Ouro, a comunicação entre o Rossio e o Terreiro do Paço (Vieira da Silva, *As Muralhas da Ribeira de Lisboa*, tomo II, pág. 36) — é em 1377 (mosteiro de Santos-o-Novo, n.º 270, era de 1415). Esta via pública perdurou até ao Terremoto grande e vem citada no *Livro de Lançamento e Serviço*, etc., fl. 141v, no *Livro I da Vereação*, fl. 23, no *Sumário de Cristóvão*, pág. 11, no *Tratado* etc., de João Brandão, pág. 226, na *Corografia*, de Carvalho da Costa, pág. 444 do tomo III e no *Mapa de Portugal*, do P.^o Baptista de Castro, pág. 502 do tomo V.

Media, segundo o Tombo pombalino, *desde a Pichelaria até um beco que sobe para o Largo da Rua dos Douradores*, 477 palmos de comprimento e 12 de largura, e na parte restante, que pertencia à freguesia de S. Julião, 419 palmos de comprimento e 10 de largura.

⁽⁶⁵⁾ Refere-se o Tombo ao sítio onde existia o Convento do Espírito Santo da Pedreira (local onde se erguem os Grandes Armazéns do Chiado).

A designação de *pedreira* advinha do facto de todo o extenso cômore que se estendia desde a actual rua de S. Julião aos chãos onde assentavam os conventos da Trindade e de S. Francisco e os paços dos condes de Ourém ser campo, *parte formado por areias mortas aglomeradas, parte por pedraria bruta* (empregando a expressão de Matos Sequeira, em *O Carmo e a Trindade*, Vol. I, pág. 16).

tos rs a saber por tres missas cantadas por nossa Senhora de Agosto e as duas por os Santos de Requiem da Censo e são de largo do norte ao sul quatro varas e de longo do Leuante ao ponente oytto varas e mea bem medidas e partem de hũa parte da banda do norte com casas de Antonio de figueiredo e do sul com rua q̄ vay do Spirito Santo para São Francisco ⁽⁶⁶⁾ e do Leuante com rua publica e em testa do ponente com Catherina Vaz as quaes são sobradadas.

62.º — A ditta Igreja tem outras cazas junto cõ a tronquo ⁽⁶⁷⁾ que tras Lucrecia Vaz molher casada das quaes paga por natal quinhentos e oitenta rs e

⁽⁶⁶⁾ O topónimo São Francisco remonta, que saibamos, pelo menos a 1495 (L. II da Vereação, fl. 22). Cristóvão, mais tarde, cita a Travessa de Sam Francisco.

Embora na planta elaborada por Mestre Vieira da Silva e publicada na Lisboa Antiga, (Vol. VIII) possamos ver por onde discorriam algumas artérias que seguiam a orientação da via pública de que nos fala o Tombo não nos é possível, no entanto, localizar a rua q̄ vay do Espirito Santo para São Francisco, pois ignoramos o nome que esta teria quando do terremoto de 1755.

Matos Sequeira, no seu trabalho já citado (pág. 17 do I vol.), falando das serventias que davam acesso ao mórro da pedreira diz-nos que uma delas se iniciava na direcção Norte-Poente, na rua do Morraz (a calcetaria de 1755) tomava ai o nome de rua dos Fornos, subia de travez a encosta defícil e acabava junto da casa do Santo Espirito (depois chamada o «Espirito Santo de Pedreira») antes do tópo Norte da moderna rua Nova do Almada. Será esta via pública a que no Livro de Lançamento e Serviço, etc., a fl. 129 v se designa por Rua Desanto esp.^{to} dapidreira DanBas as BanDas?

Consultando novamente a planta já referida, verifica-se que além da artéria citada pelo autor do Carmo e a Trindade existiram outras duas; qualquer delas, pelo sentido em que discorriam, podem muito bem ter sido a sucessora da rua que estudamos. Repare o leitor na orientação seguida pelas ruas dos Cabides e Nova do Almada: ambas partiam da Calçada de S. Francisco e iam topar a rua do Chiado no ponto onde nascia a Calçada de Payo de Nabaes, isto é, em frente do Convento do Espirito Santo (pouco mais ou menos onde se abre a porta principal dos Grandes Armazéns do Chiado). Ambas, repetimos, podem ter correlação com a quinhentista rua q̄ vay do Spirito Santo para São Francisco; nós, porém, inclinamo-nos para a rua dos Cabides, pela simples razão de ser esta a artéria que ligava directamente com a calçada de S. Francisco, prolongando-a no sentido Norte.

⁽⁶⁷⁾ O tronco, na abalizada opinião de Freire de Oliveira, era uma prisão puramente municipal, espécie de casa de detenção, diferente da cadeia do concelho (que tambem havia a cadeia da corte). Ali se encarceravam os que tinham de sofrer êsse castigo por sentença dos almotacés, e se expiavam os pequenos delitos: igualmente servia de calabouço, onde se detinham em custodia os presos enquanto os magistrados delles não decidiam (Elementos, etc., vol. I, pág. 411).

Onde ficava situada esta prisão municipal?

Consulte o leitor o Tombo pombalino (infelizmente — famos a dizer incompreensivelmente — ainda não impresso) e leia o que o tombador escreveu ao tratar da Rua da Sombreira: Rua da Sombraria ao Tronco e Beco do Carrilho que se segue a ella. Tem de comprimento até á Rua dos Fornos entrando o Beco do Carrilho 293 p., de largura á parte do painel do Anjo 16 e ½ e á parte da Rua dos Fornos 9. Não tem edificio algum publico, porque a cadeia do Tronco são umas casas particulares. Depois, ao descrever as casas do lado direito da dita

quatro galinhas de foro, ou cincoenta rs por cada huã e he a pr.^a pessoa e são de comprido do norte ao sul treze varas e mea e de largo do Leuante ao ponente tres varas e mea bem medidas e da banda do sul de largo da banda do norte duas varas e mea e são sobradadas e parte do poente com o tronquo e da banda do sul com rua publica e do norte emtesta com a azinhaga (68) e da banda do Leuante com P^o diz clerigo frade que foi de São Domingos.

Titulo da freguesia de Santa Cruz

63.^o — A ditta Igreja de Saõ Xpouaõ tem huã casa nalcaceua (69) na rua do jardim (70) que he a primeira rua q̄ esta da mão direita quando entraõ por a porta de São Jorge (71) a qual he de comprido de Leuante ao ponente pella banda do sul quatro varas e duas terças e de comprido do Leuante ao ponente pella

rua da Sombraria vindo do Painei do Anjo, informa-nos que a Casa da Cadeia do Tronco que tem na frente as armas da Cidade, e não constou se são do Alcaide Mor da Cidade ou de outro possuidor... tem de frente 38 p., no lado oposto o mesmo e de fundo 75 p. Constavam de lojas e 1 andar de sobrado.

Após o terremoto que destruiu por completo êste edificio, teve a cidade outra prisão na actual Rua Eugénio dos Santos — Quem quizer comprar uma quinta no logar da appelação fale com D. Jacinta Maria Rosa de Lima, assistente nas casas que serviram de Tronco defronte do Passeio Publico informa-nos um avizo publicado na Gazeta de Lisboa em 19 de Agosto de 1797. Dêste tronco ainda hoje subsiste a recordação no topónimo de uma travessa da Rua Eugénio dos Santos.

Para terminar esta nota, queremos ainda informar o leitor que é nossa convicção ter Carvalho da Costa designado a rua da Sombreira por *rua do Tronco*. Pois como se compreende a omissão de *rua da Sombreira* e a citação, em seu lugar (além da *travessa do Tronco*), da *rua do Tronco*?

(68) Talvez o próprio *beco do Tronco* de que nos fala João Brandão (Buarcos) no seu *Tratado*, etc., a pág. 227 e que não vem mencionado no *Sumario*.

(69) Não se refere o *Tombo*, claro está, à *Alcaçova-Paço* — edificio êste que se erguia no castelo de Lisboa, no sítio do *castelejo*, onde residiram os governadores mouros (alcaldes) e que mais tarde, depois da conquista cristã, foi transformado em Paço Real (de D. Denis e D. Sebastião) — mas sim à *Alcaçova-cidade*, pequeno núcleo de construções alcandorado nesse morro da cidade e que, envolto por uma cinta de muralhas (cêrca moura), ficava adjacente à fortaleza medieval.

(70) Cristóvão de Oliveira atribui-lhe o mesmo topónimo. É a *rua do Recolhimento* dos nossos dias. Quando do terremoto de 1755 designavam-na por *rua do Hospital*, se bem que o trôço sul-norte já tivesse sido baptizado com o nome de *rua do Recolhimento*. A razão da actual nomenclatura saberá o leitor nas notas que seguem.

(71) É a porta (também chamada *porta da Alcáçova* ou simplesmente do *Castelo*) que estabelece a ligação entre o Chão da Feira e a parte civil da freguesia do Castelo.

Para o estudo da topografia e história do Castelo de S. Jorge aconselhamos ao leitor a importante obra do erudito investigador Eng. Vieira da Silva — *O Castelo de S. Jorge de Lisboa*.

banda do norte cinco varas menos oitava e de largo do norte ao sul pella banda do Leuante tres varas e duas terças e do Leuante e do sul com cazas de Santa Cruz e do norte com a ditta rua publica E do ponente com quintal de Izabel Anes o qual ora tras o Duque de Aveiro filho do Mestre de Santiago ⁽⁷²⁾ e paga por Paschoa duzentos e sesenta rs e duas galinhas as quaes cazas estão metidas no mosteiro dos orfãs ⁽⁷³⁾ e ellas paguam o foro por mandado do Duque e he a segunda pessoa.

(72) Refere-se ao primeiro Duque de Aveiro. D. João de Lencastre, que nasceu em 1501 e faleceu em 22 de Agosto de 1571 (Enc. Port. e Bras., t. III, pág. 808), era filho do Infante D. Jorge de Lencastre, Duque de Coimbra, a quem seu pai, o rei D. João II, investiu no alto cargo de Mestre Sant'Iago e de Aviz.

A vida dêste fidalgo português, que tão discutido e perseguido foi no seu tempo, é plena de peripécias e escândalos, o que levou Camilo a dramatizá-la numa das suas obras: *O Marquez de Tôrres Novas*.

(73) O padre João Baptista de Castro a quem recorremos, refere-se no seu *Mapa de Portugal* a êste mosteiro, e explica-nos a razão porque o vemos citado na freguesia de Santa Cruz do Castelo. Escreveu êle, sob a rubrica *Recolhimento da N. Senhora da Encarnação* (págs. 412 e seg., do t. V), que êste era destinado ao amparo e abrigo de algumas orfãs nobres, e pessoas honradas e ainda que vendo *El Rey D. João III o bom fim, a que se derigia acção tão pia, tomou este Recolhimento debaixo da sua protecção no anno de 1543, dotando-o com rendas certas, e annuaes para sustentação de vinte e huma orfãs honradas, filhas de Ministros, e ainda Fidalgas, cujos pays houvessem falecido em serviço da Coroa: ordenando, que de tres em tres annos se enviassem para a India, e Brasil algumas das ditas orfãs com carta para os Vice-Reys, e Governadores as cazarem com a decencia possível, preferindo-as nos provimentos de officios para seus dotes; e tiverão na India tanta estimação estas orfãs, que huma chamada D. Maria foy Rainha da Maldiva; porque o Rey daquellas Ilhas cazou com ella em Goa no anno de 1548 e soube ella muito bem reconhecêr a criação, que teve no Recolhimento, pois mandou para a Igreja delle hum frontal, e huma casulla, que para memoria ainda se conserva no anno de 1731.*

Esteve precisamente instalado êste mosteiro das orfãs — como alude o Tombo — junto ao Hospital Real em humas cazas contiguas á Roda, ou beco dos engeitados, na Betesga; porem, no reinado de D. Sebastião, foi transferido — segundo escreve ainda Baptista de Castro — para humas casas junto do Castello.

Abramos aqui um pequeno parêntesis.

O Tombo da igreja que se refere ao ano de 1539, isto é, que foi escrito em pleno reinado de D. João III, acusa-nos já a existência do mosteiro dos orfãs no Castelo, ao passo que o Padre Baptista de Castro, na sua valiosissima obra, nos diz que foi El-Rei D. Sebastião que mandou mudar o Recolhimento do sítio da Betesga para as casas junto ao Castelo. Temos que seguir o que vem expresso no Tombo e considerar como êrro a informação do *Mapa de Portugal*.

Prossigamos:

Em 1583 — servimo-nos ainda da narrativa do Padre Castro — como já não coubessem no edificio onde viviam, as Porcionistas, passarão para as casas do Duque de Aveiro, que erão onde se fez o Hospital dos Soldados.

Êste hospital, que fôra fundado em 1673 nas casas foreiras à Igreja de S. Cristóvão, ruíu por completo quando do terremoto, e o Recolhimento passou, mais tarde, para as casas que haviam pertencido a D. Fradique Manuel.

64.º — A dita Igreja tem hũa logea nalcaçæua em hũa traueessa q̃ vay de hũa rua publica da porta de Saõ Jorge para Sancta Cruz.⁽⁷⁴⁾ e vay esta traueessa desta rua para as cazas de Dom Fradique.⁽⁷⁵⁾ E os sobrados que estão em sima no ar desta logea he do Doutor Luiz Roiz Irmão do Vigairo que foy de Sancta

(74) É a rua direita de Cristóvão que já em 1565 aparece designada por rua de^{ta} de Santa Cruz (*Livro de Lançamento e Serviço*, etc., fl. 568 v.) e em 1569 volta a aparecer somente como rua d^{ta} (Óbitos, Igreja de S^{ta} Cruz). Antes do terremoto chamavam-lhe rua Direita da Igreja para as Portas do Castelo e hoje é conhecida por Rua de S.^{ta} Cruz do Castelo.

Quando (1940) da restauração e reintegração do Castelo de S. Jorge, o perfil transversal desta rua foi bastante modificado; os prédios que tinham os n.ºs de polícia 2 e 8 e onde existia embebida na parede uma tósca nau de S. Vicente em alto relêvo com a inscrição — 1775 — bem como, um portal interessante, com colunelos muito esbeltos, verga moldurada, e capitéis fantasiosos, provindo certamente de outra parte, e por cima uma pedra embebida na parede, também com a nau de Lisboa em alto relêvo, e uma outra pequena lápide em que parece ler-se o número 145 (*O Castelo de S. Jorge*, pág. 120, do Eng. Vieira da Silva) — foram demolidos. Alguns achados arqueológicos provenientes da demolição estão guardados numa das dependências do Castelo.

A travessa que ia desta rua para as cazas de Dom Fradique não a podemos localizar devidamente. Cotejando a planta de Tinoco com as referências introduzidas por Mestre Vieira da Silva no seu bem elaborado trabalho *O Castelo de São Jorge*, julgamos que esta artéria tenha sido ou a antecessora do beco mais tarde denominado do Forno e que partindo da rua direita fôsse entroncar junto da muralha com as quintas do Palácio de D. Fradique, ou a serventia que Cristóvão designa por *Rua dos Penosinhos* (actualmente o trôço sul-norte da rua do Recoilhimento) que vemos também várias vezes citada nos registos paroquiais da Igreja de S.^{ta} Cruz do Castelo. Inclina-mos mais para esta segunda hipótese, pois no extracto de um documento dado a lume pelo Eng. Vieira da Silva (obra citada, pág. 128), lê-se: *o collegio de S.^{ta} Cruz do Castelo era possuidora em 1543 de uma propriedade de casas, sitas dentro do Castelo, que entestavam pela frontaria com a rua dos Penozinhos, e pelas costas com muro e casas de D. Fradique.*

(75) Fidalgo que residia nas casas situadas no Pátio de D. Fradique de Baixo, as quais, anos mais tarde (1684), por venda do conde da Atalaia, seu neto, foram incorporadas na propriedade da família Alarcão (Palácio Belmonte); esta erguia-se, um pouco mais acima, no actual Pátio de D. Fradique. Quando do terremoto de 1755 as duas propriedades pertenciam a Rodrigo António de Figueiredo Alarcão (Tombo de 1755) de quem, por não deixar descendentes directos, herdou sua irmã Madalena Luiza de Lencastre ascendente dos Condes de Belmonte (*Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal*, por Silveira Pinto, tomo I, págs. 242 e segs.). Em 1939 eram proprietários do imóvel D. Maria, D. Jerónima e D. Ana da Câmara Berquó (*A cêrca moura de Lisboa*, por Vieira da Silva, pág. 188).

As casas e terrenos de D. Manuel Fradique (faleceu em 9 de Julho de 1564 — Óbitos da freguesia de S.^{ta} Cruz do Castelo), eram conhecidas, nos meados do século XVI, por hortas de D. Fradique. A porta da muralha que ficava adjacente à propriedade (corredor abobadado actual, que estabeleceu a ligação entre os dois pátios), foi conhecido durante muitos anos por *Porta de dom fradique* e a artéria que dava passagem entre ela e a igreja paroquial de S.^{ta} Cruz

Cruz ⁽⁷⁶⁾. *E partem da banda do sul com quintal do ditto Doctor e da banda do norte com suas cazas delle mesmo Doctor e da banda do poente com a ditta travessa e da banda do Leuante entesta com quintal de Dom Afonço* ⁽⁷⁷⁾ *e tem de comprido da banda do norte ao sul cinco varas e terça e da banda do ponente quatro varas e mea de largo E assi da parte do Levante outras quatro varas e mea e trallas Gomes rogado carpinteiro. E pagua por São João duzentos rs e duas galinhas e he a primeira pessoa.*

Titulo da Fregesia de Salvador ⁽⁷⁸⁾

65.º — *A ditta Igreja de São Xpovão tem hũ chão no bairro dos Esco-*

denominava-se por *rua que vae das casas de D. Fradique para S. Thiago* (L. do lançamento e Serviço, etc., fl. 556).

Creemos ter, assim, explicado ao leitor o local preciso onde as casas do tal D. Fradique, Senhor de Tancos e Atalaia e Alcaide mor de Marvão, se erguiam. (Sôbre os descendentes de D. Fradique, que foram os Condes da Atalaia, pode o leitor consultar o nosso trabalho já citado).

⁽⁷⁶⁾ Faleceu em 1546 — *Aos cinco dias do mes dag.º da era de j̄b.c Rbj años ffaleceo ffr.º Roiz. Vig.º q̄ hera desta jgreja da Vera cruz e ffez testam.º e o doutor luis Roiz he seu testamēt.º e por verdade asinei aqui.* (Óbitos, Igreja de S.ª Cruz do Castelo).

⁽⁷⁷⁾ Não sabemos a quem o *Tombo* se quere referir. Rebuscando nos assentos paroquiais de S.ª Cruz do Castelo sòmente conseguimos apurar algumas referências àquêl nome, sem estar também acrescido de qualquer apelido. Uma vez só se nos deparou um D. Afonso Manuel, certamente parente de D. Fradique Manuel.

⁽⁷⁸⁾ A freguesia de S. Salvador (da Mata) remonta ao primeiro quartel do Século XII (*Relação de várias igrejas de que el-rei é padroeiro nos bispados do Pôrto, Lamego, Tui, Coimbra e Lisboa* — Livro das Gavetas, gaveta 19, maço 14, fls. 186v.). Alguns autores atribuem o nome de S. Salvador da Mata à sua igreja paroquial e outros ainda citam como orago o Santíssimo Rei Salvador.

Após o terremoto de 1755 e em obediência ao Plano de 1770, que estabeleceu uma nova distribuição de paróquias, S. Salvador foi transferida da sua primitiva área — confinante com a freguesia de S. Miguel — para a parte ocidental da cidade, terrenos entre os Prazeres, Estrêla e Alcântara, ficando a paroquial — passou a ter como arago o *Senhor Jesus da Boa Morte* — instalada na ermida do Hospício dos Congregados da Caridade (prédio que esquina da actual rua Possidónio da Silva para a do Patrocínio e onde hoje está instalado o Internato de Meninas da Assistência Infantil de S.ª Isazel).

Dez anos depois, com o novo Plano que impôs uma outra distribuição paroquial, voltou S. Salvador à primitiva área, onde se conservou até 1834, data em que se une à freguesia de S. Tomé. Uma e outra freguesia são, passados poucos anos (1856), anexadas à de S. Vicente, formando uma única paróquia eclesiástica e civil (*Divisão Paroquial de Lisboa* do Eng. Vieira da Silva e artigos do autor dêste trabalho na «*Alma Nacional*»).

A primitiva igreja de S. Salvador e o convento que lhe ficava junto — erecto em virtude da grande devoção que *algumas mulheres de virtude em reco-*

lares ⁽⁷⁹⁾ que tras Simão da Costa capellão de El-Rey nosso s.^o E paga por natal duzentos rs e hũa galinha e tem de largo de norte ao sul dezoito varas E do Leuante ao ponente do longo vinte varas e parte do Leuante a poente com

lhimento tinham pelo sítio onde já existia uma pequena ermida (*Corografia Portuguesa*, págs. 384 e 385 do Vol. III, de Carvalho da Costa) — estão hoje transformados em salões de diversões e espectáculos públicos e servem de aulas de uma escola primária pertencente a várias instituições de beneficência entre elas o Centro Escolar Republicano Dr. Magalhães Lima (artigo do Eng. Vieira da Silva, in *Revista Municipal*, n.º 15, pág. 21).

Os terrenos cuja jurisdição eclesiástica formava a freguesia de S. Salvador foram anexados às paroquiais de S. Tomé e de S. Miguel.

⁽⁷⁹⁾ Tem sido bastante discutida a localização precisa do *Bairro dos Escolares*. Alguns olisipógrafos, e dos mais distintos, tem tentado com o fruto das suas preciosas investigações resolver êste difícil e interessantíssimo ponto da História da nossa primeira Universidade. O facto, porém, é que o problema não está ainda devidamente esclarecido.

Algumas referências ao local:

... tudo o q̄ ficava entre a porta do Sol, e Santo Estevão de Alfama, q̄ por este respeito chamarão o bairro dos escolares (Hist. ecl., parte II, cap. LXXIV, n.º 2, de D. Rodrigo da Cunha. Êste autor não cita, contudo, a fonte de onde recolheu a notícia);

... As escolas gerais de Lisboa, que estavam asima da Igreja de Sam Thomé, contra o muro Velho, e as fez de novo abaixo de sancta marinha onde eram os paços do infante dom Anrique seu tio (*Chronica do serenissimo Senhor Rei D. Manuel*, 1789, pág. 600, de Damião de Góis);

... que se dê ao Estudo o bairro, que antes costumava ter, convém a saber, da Porta do Sol, e da Porta de Alfama, e da Porta de Santo André por diante, ao outro lugar mais conveniente (Provisão dada por D. Fernando em 3 de Junho de 1377 quando a Universidade retornou de Coimbra para Lisboa, in *(Notícias Cronológicas da Universidade de Coimbra*, Vol. I, pág. 168, de Francisco Leitão Ferreira).

Mestre Vieira da Silva referindo-se à localização dos *Estudos* diz-nos, em aditamento ao valioso trabalho do Visconde de Castilho (*Lisboa Antiga*, Vol. VII, pág. 207): as escolas gerais na freguesia de S. Vicente, abaixo do Largo de S.^{ta} Marinha, na via pública que não é chamada rua das escolas gerais, mas simplesmente *Escolas Gerais*, dentro do Pátio dos Quintalinhos, deviam ter sido as instaladas pelo ano de 1503.

O Sr. Luiz Pastor de Macedo na *Lisboa de Lés a Lés* (Vol. II, pág. 171) tenta igualmente marcar com exactidão o ponto onde ficava situado o *bairro dos Escolares*. Não o conseguindo, muito embora as aturadas pesquisas a que certamente procedeu, pergunta o ilustre e infatigável olisipógrafo: — Mas poderá ao menos saber-se em que freguesia ou freguesias se estendia êle? E acrescenta: A única referência localizadora que até agora encontramos, coloca-o em 1479 na freguesia de S. Vicente. (L.º III de Emprazamentos, fl. 177v. do Arquivo da C. M. L.).

Ora o *tombo* menciona, integrada no *Titulo da Freguesia do Salvador*, a propriedade foreira à igreja de S. Cristóvão que se erguia no *bairro das Escolares*, demonstrando assim plenamente que êste se estendia da freguesia de S. Vicente à do Salvador. Contudo, uma dúvida se estabelece se repararmos que no próprio lançamento da propriedade de Simão da Costa capellão de El-Rey nosso S.^o,

ruas publicas e do norte cõ rua publica e do sul com traueſsa q̄ vay do Salvador p.^a as Escolas gerais ⁽⁸⁰⁾ e foy prezente ao medir e he emfatiota.

Titulo da Freguesia da Magdalena

66.º — A ditta Igreja tem outras cazas na freguesia da Magdalena na Correaria ⁽⁸¹⁾ que tem um forno cõ hũ sobradinho q̄ traz Luiz garces E paga por São Martinho cento e quarenta e quatro rs da censo e são de comprido do Leuante ao ponente vinte duas varas e mea e de largo da banda do norte ao sul quatro varas e mea a parte do ponente e a parte do Leuante duas varas e terça E parte do Leuante com rua publica E do poente com beco onde tingẽ panos ⁽⁸²⁾ e do norte com casas de Jorge Afonço e do sul com rua publica e he Acenso.

Titulo da Freguesia de São Nicolao

67.º — A ditta Igreja de São Xpovão tem outras casas ao poço dos namorados ⁽⁸³⁾ as quaes traz Margarida Lopes ⁽⁸⁴⁾ paga da Censo por hũa missa

esta partia do sul com travessa q̄ vay do Salvador p.^a as Escolas Gerais. Devemos considerar o vocábulo Salvador, neste caso, atinente à freguesia e não à parochial? Nós entendemos que êle diz respeito à igreja e não à área que estava sob a sua jurisdição.

Para o estudo da Universidade pode o leitor consultar a relação bibliográfica que o Sr. Pastor de Macedo publica no seu já citado trabalho (págs. 172 e 173). De tôdas as obras mencionadas salientamos a do Sr. Matos Sequeira *O Carmo e a Trindade* (Vol. I, págs. 19 e seg.), onde, pela primeira vez, conta a localização, no Carmo — entre as ruas da Pedreira e dos Esturões —, do primitivo edificio do *Estudo Geral*.

⁽⁸⁰⁾ Será a rua dr.^{ta} do Sallvador do L.º de Lançamento e Servi:o, etc., (fl. 621v.)?

A citação de *Escolas Gerais* refere-se à rua das escolas gerais de Cristóvão ou à rua do Bairro dos Escolares da *Estatística de 1552*?

As duas perguntas aqui ficam. Nós, confessamos, não lhes sabemos responder.

⁽⁸¹⁾ A rua da Correaria, que formava um ângulo obtuso, estabelecia a ligação entre as igrejas do Convento das Carmelitas e de S.^{ta} Maria da Madalena, isto é, segundo a topografia actual, partia do cruzamento da rua da Vitória com a rua dos Fanqueiros em direcção ao Largo da Madalena.

Carvalho da Costa chama-lhe *rua da corriaria* (*Corografia*, tomo III, pág. 452); algumas vezes também aparece como *rua dos Correeiros*. Remontava, pelo menos, com tal designação, ao terceiro quartel do Século XIII — *tenda na collação de Santa maria magdalena na rua da correaria* (*Direitos Reais*, liv. II, pág. 89). Desapareceu com o Terramoto.

⁽⁸²⁾ É bem curiosa esta sinonímia atribuída ao *beco da tinturaria* de Cristóvão a que o Tombo pombalino já chama *beco dos tintes*. Tinha, em 1755, 179 palmos de comprimento e 8 de largura (*Tombo*, Bairro da Rua Nova).

A outra serventia, para a qual a propriedade descrita neste lançamento, *deitava* seria a que mais tarde vemos designada por *Travessa dos Latoeiros*?

cantada cem rs por Paschoa pella alma de Margarida de Serpa. E he de comprido do Levante a ponente sete varas bem medidas e de largo da banda do norte ao sul tres varas bem medidas. E partem do Leuante com rua pubrica e do poente com outra rua pubrica e da banda do norte com cazas de Afonso Botelho e da banda do sul com Manuel Gil as quaes são terreas com hũ sobrado em ssima e outro sobrado que vay em ssima deste nõ (?) he destas cazas e foy prezente a ditta Margarida Lopes ao medir.

Titulo da Freguesia da See

68.º — *A ditta Igreja de São Xpouão tem outras cazas na freguesia da See ao terreiro do trigo velho (85) as quaes tras o Botelho E paga da Censo duzentos e quarenta rs de hũa missa cantada por dia de todolos santos. E partem da banda do norte com casas de Diogo d'Andrade. E da banda do sul com cacasas delRey nosso senhor e da banda do Leuante com cazas do ditto s.ºr Rey E do poente com casas do ditto s.ºr Rey as quaes tem hũa logea e hum sobrado E são de largo do norte ao sul cinco varas bem medidas E de comprido do Leuante*

(83) A citação mais remota que conhecemos é de 1515 — *morador ao poço dos namorados* — (L.º 1.º da Vereação, fl. 28v). O *Tombo de 1573* refere-se-lhe várias vezes: *travessa q̄ vai do beco que vai ao poço do chão para nossa Senhora da Victoria sair ao poço dos namorados* (fl. 214); *Azinhaga e beco que vai do poço dos namorados para baixo e vai sair á travessa que vai para nossa Senhora da Victoria* (fl. 215); *rua da caldeiraria indo do Rosio para o poço do chão há mão direita abaxo da travessa que vai para o poço dos namorados* (fl. 216); e a qual (casa) *tem porta para o beco onde está o poço das namorados* (fl. 221).

Carvalho da Costa não nos dá noticia da sua existência em 1712; falamos sòmente do *poço do chão* (*Corografia*, tomo III, pág. 440).

O *bêco do Poço dos Namorados* (ou simplesmente o *bêco dos namorados*) ficava situado, pouco mais ou menos, no sítio onde hoje se ergue o quarteirão de prédios, da rua do Ouro, fronteiro ao edificio do Grandela. O *Tombo de 1755* elucida-nos que corria ao principio L. O. e que tinha de comprimento 58 palmos e de largura pelo L. 19 e 1/2 e pelo O. 17 e 2/3 e *atravessando para huma e outra parte* corria do N. ao S. e tinha de comprimento 258 palmos e de largura 19 e não continha *seus comprimentos mais que o fundo de algumas propriedades pertencentes à rua dos Odreiros e rua dos Espingardeiros*. (Bairro do Rossio).

(84) O *Livro de Lançamento e Serviço*, etc., (fl. 213 e 214) que também nos dá conta da existência da *rua do poço dos namorados* cita, como moradora nesta artéria, em *casas suas*, uma Margarida Lopes. Será a mesma de que nos fala o *tombo*?

(85) Designação attribuída, no comêço do Século XVI (Chancelaria de D. João III, liv XXXVII, fl. 160), ao Paço do Trigo — edificio que ficava situado onde hoje discorre a Rua dos Bacalhoeiros — depois da construção do novo Terreiro do Trigo (ao norte do edificio da Alfândega).

Sobre êste local pode o leitor consultar as obras de Mestre Vieira da Silva *A Cêrca Moura de Lisboa* e *As Muralhas da Ribeira de Lisboa* e ainda *A rua das Canastras* do Sr. Luiz Pastor de Macedo.

ao ponente seis varas e terça e entestão com a porta que vay e sae pera fora pera a porta do mar ⁽⁸⁶⁾ E do ponente com rua pubrica que vay p.^a o Almazem Velho ⁽⁸⁷⁾ e do sul com rua pubrica ⁽⁸⁸⁾.

Titulo da Freguesia de São Lourenço ⁽⁸⁹⁾

69.º — A ditta Igreja de São Xpouão tem outras cazas na rua das farinhas ⁽⁹⁰⁾ freguesia de São Lourenço q̄ forão do Esmoler delRey ⁽⁹¹⁾ E agora são e as tras Ilena Marques sua criada Mourisca que tem de comprido cinco varas

(Continua)

⁽⁸⁶⁾ Artéria que corria paralela à rua do Armazém Velho (rua das Canastras).

⁽⁸⁷⁾ Erguia-se êste edificio — *Palacio q̄ servia de Thesouro aonde se guardavão Ricas pesas de prata, Tapesarias, etc., de S. mag.^{de}, o q̄ tudo pareseo no fogo sucessivo ao Terremoto*, (mss. do cartório da igreja da Madalena) e que teve também a designação de Casa da Moeda Velha (*Demonstração Histórica*, pág. 204, de frei A. da Conceição) — no local onde hoje vemos o prédio da travessa de Santo António da Sé que alberga algumas repartições do Ministério da Guerra.

A rua a que o Tombo se refere é, sem dúvida, a *rua das Canastras*.

⁽⁸⁸⁾ Para melhor localização desta propriedade e perfeita compreensão do emaranhado das artérias onde ela ficava, deve o leitor consultar o trabalho conscienciosa e meticulosamente elaborado pelo Sr. Pastor de Macedo: *A rua das Canastras*.

⁽⁸⁹⁾ A freguesia de S. Lourenço, uma das mais antigas de Lisboa (1209 ou 1229 — *Episcopado*), está, actualmente, anexada à de S. Cristóvão. O decreto que estabeleceu a unificação administrativa e eclesiástica das duas freguesias data de 16 de Julho de 1886. Por vezes, as respectivas igrejas paroquiais, têm estado subordinadas a um único prior; presentemente cada uma delas tem à sua frente um pároco, estando, portanto, as freguesias unidas sòmente sob a jurisdição civil.

⁽⁹⁰⁾ A rua das farinhas que tambem se chamou das *farinheiras* (Cristóvão, *Sumário*, pág. 35) pertencia, parte à freguesia de S. Lourenço, parte à de S. Cristóvão, razão porque a vemos mencionada nos dois *titulos*.

⁽⁹¹⁾ Alta dignidade do Paço. Foi quasi sempre (até 1834) inerente ao Abade do Mosteiro de Alcobaça que, por viver longe da côrte, designava tão honroso cargo num dos seus religiosos. (*Monarquia Lusitana*, 5.^a parte, livro 17, cap. 9.º).

Na escritura da instituição do hospital de Santo Eloy (1298) Frei Martinho assinava-se, tal como neste Tombo, *esmoler de el-rei*.

No reinado de D. João II, como o cargo de esmoler mor recaísse no célebre cardial de Alpedrinha, então abade de Alcobaça, cujas relações com o monarca eram, como se sabe, as piores possíveis, foi nomeado para o exercer o Capelão do Infante D. Jorge, Lopo Gonçalves, o que levou, mais tarde, os religiosos do Mosteiro a reclamarem perante o Rei. A sentença que lhes foi favorável dizia, em síntese: *no caso de não haver em Alcobaça pessoa capaz para aquele emprego (esmoler mor) se poderia fazer a nomeação em sujeito de fora*.

Extintas as ordens religiosas passaram a exercer o cargo os Patriarcas de Lisboa.

Vendedores Ambulantes

Conferência realizada em 15
de Junho de 1943 na sala do
Grupo «Amigos de Lisboa»

por ALFREDO AUGUSTO LOPES

(Conclusão)

Além de haver vendedores ambulantes infelizes, também os houve sempre, mais ou menos explorados, embora o número seja hoje muito menor.

Sempre houve bons e maus amos, e dos maus, recordo-me que há uns 40 anos, um dos jornais de maior circulação (o «Século» ou o «Diário de Notícias») muito falou, publicando durante algum tempo, uma campanha contra os patrões dos pequenos «deita-gatos», devido à grande exploração a que estes estiveram sujeitos.

Hoje, como sempre, repetem-se os tempos, mas as cenas são em menor número; no entanto, este assunto dava um estudo muito regular...



E a propósito de «deita-gatos», que, com se sabe, são estrangeiros, lembrem-me outros estrangeiros e falsos estrangeiros, que também têm passado pela venda ambulante em Lisboa, dos quais vou citar alguns.

As chinesas das ventarolas, com os seus pézinhos e com o seu extravagante vestuário, e muitos anos depois, voltaram, vendendo objectos de ouro americano (como se lhe chamava) e mais tarde ainda, para não mais de cá saírem, voltaram vendendo colares, boquilhas, cigarreiras, tabaqueiras, botões de punho e muitos artigos que entonteceram raparigas e rapazes, pois eram verdadeiras novidades, vendidas a: cinco miléis..., vinte miléis... e cinquenta miléis..., que foram estas as primeiras palavras, que os chineses aprenderam a dizer, que mais se pareciam com português...

Também passaram por aqui, alguns italianos vendendo estatuetas.

Inglezes, vendendo lapiseiras, canetas, boquilhas, máquinas de barbear, etc.

Espanhóis, vendendo bolos, rendas, espanadores, estatuetas, bilhas para fazer água fresca, etc., amoladores de tesouras e outra cutelaria, consertando chapéus de sol, e de chuva, e também, louças de barro e outras louças mais finas.

Alguns franceses, vendendo bolos (especialidade sua) e outros artigos.

Alemães, vendendo bolos, bijouterias, artigos de barbear, e também dedicando-se ao comércio denominado «pantomimeiros» ou «charlatães», o que sucedeu com outros estrangeiros.

Turcos, vendendo panos e tapêtes.

E além de outros, que não me ocorrem, também cá esteve um marroquino, que vendia doces da sua autoria, fabricados com mel.

Dos falsos estrangeiros, destacaram-se uns vendedores de fazendas da Covilhã, e de fábricas espanholas, mas que eles diziam serem de procedência inglesa ou americana.

Falavam uma língua que não existia, e como se tornaram conhecidos, desapareceram das ruas, com o seu fardo embrulhado em lona, que transportavam às costas, como outrora os espanhóis das rendas.

Vou referir-me agora aos hábitos de alguns vendedores:

Temos o vendedor de cautelas, que durante dias inteiros, apregoa o mesmo número, até que venda a «última».

Há o homem ou rapaz dos jornais, que desde as primeiras horas da manhã, martela constantemente no mesmo sítio, apregoando, sem respeito algum, pelo sossêgo alheio.

Também durante muitos anos se viram os vendedores ambulantes de lotaria, utilizarem animais, especialmente asininos e lanigeros, percorrendo as ruas no seu negócio, para o que colocavam sobre os animais, panos de côres garridas e padrões berrantes, aos quais pregavam com alfinetes, as respectivas fracções. Vária legislação e a acção da policia, acabaram com êste desumano hábito, especialmente quando se tratava de lanigeros, devido às grandes caminhadas e à pouca alimentação dos animais, no que eram pouco cuidadosos os seus donos ou alugadores.

Também, a-pesar-de estar proibido desde 1886, pelo menos, pois é a data do primitivo Código de Posturas, se via noutro tempo, pelar, esfolar e chauscar animais e aves, na via pública, mas há muito tempo que não se notam êsses factos, mesmo antes da actual situação criada pela guerra, que nos trouxe a falta de muitas coisas, e também da caça brava, que se não vende pelas ruas em tão grande quantidade, como noutro tempo.

O outrora, também os vendedores ambulantes tinham liberdade de andar descalços e então, se se viam vendedeiras com os pés muito brancos e lavados, também se via o contrário, e em grande escala... vendo-se também, pés de mulheres calçando elegantes e bonitas chinelas ou mesmo tamancos, mas que lhes dava certo donaire.

Hoje, não há, ou pelo menos não deve haver descalços nas ruas, mas em compensação, desapareceram as elegantes chinelas, que foram substituídas por deselegantes sandálias, sapatos com ou sem saltos, sapatinhos e sapatorros, de todos os feitios, tamanhos e materiais, como: sola, pano, borracha, cortiça, pelica e até, setim (parece que não é assim, mas é assim mesmo), pois em muitos casos, o calçado é dado pelas freguesas ou por qualquer pessoa), e parecendo que não, tem custado muito a acostumar as vendedeiras a calçarem-se.

Os «charlatães» ou «pantomimeiros», também tinham grande liberdade

noutro tempo, na linguagem, muitas vezes incorrecta; nas coisas que vendiam ou davam de bônus; nas ervas, líquidos e vários preparados com que iludiam os incautos e sugestionavam os doentes, para o que apresentavam medalhas e calos, feitos com cortiça, etc. Também isto se modificou em parte, pois um decreto, resolveu o assunto com seis meses a dois anos de prisão e multa correspondente, que o Código Penal pode aplicar.

A maneira de condução dos géneros que se vendem nas ruas, também se modificou muito e assim, a giga, o cêsto, o alguidar de zinco ou barro, a vitrine, etc., tudo ou quasi tudo, foi substituído.

Substituiu-se também a venda de leite, utilizando vacas ou cabras em deambulação pela cidade, visto que a publicação dum decreto em Agosto de 1920, terminou com esse uso.

Modificou-se também a maneira de vender as castanhas, que dos conhecidos cêstos, em que se enrolavam muitos sacos, passaram por várias evoluções, até que passaram a ser assadas e vendidas numa máquina de combóio, e os vendedores a usar luvas, para não queimarem a pele das mãos.

O sorvete mudou de nome, e da antiga sorveteira, género barrica; também depois de várias modalidades, chegámos aos elegantes e caprichosos carrinhos e caixas para venda de gelados ou «exquimaux».

Aumentou o número de carroças de mão e de padiolas, e os carros esquisitos e alegóricos, substituíram quasi todos os processos antigos de vender nas ruas.

O tremôço saloio, que foi vendido por umas garotas muito arranjadinhas, que trinavam uns pregões de encantar, também passou a ser vendido por uns vendedores (homens ou mulheres), que seriam tudo menos saloios, embora quisessem dar esse aspecto a si e ao conjunto do estabelecimento, fazendo-se acompanhar de uns burros muito lazarentos, que conduziam uns sacos com o artigo. A mentira não pegou, e desapareceram os modernos, não se vendo também, as antigas.

Não esquece aqueloutro hábito, pouco higiênico por sinal, mas que muita gente aceita, e se observa em dias de grande multidão nas casas de espectáculos, como: praças de touros, Coliseu e campos de futebol, em que, os vendedores recebem o dinheiro ou dão as demasias, nos copos onde se bebeu e se há-de beber qualquer bebida.

Há ainda o hábito nunca esquecido, da peixeira que pede ao freguês, 100, para vender por 2, principiando por dizer palavras e frases escabrosas e insultuosas, e terminando com o conhecido: Assim Deus m'ajude... ou os olhos me saltem fora da cara, ou ainda o: eu seja cega à hora da morte, e por fim: Bá lá qué p'ra m'estriar.



Acabado o assunto dos hábitos dos vendedores, vou referir-me a alguns dos seus pregões, que se imitam com certa graça, mas muitos não podem ser imitados, porque não o permite a moral.

Entre os que se imitam, são:

Ó postas de pescada... — Cai de costas na escada...

Merca capachos... — Não és capaz... ou Bolta p'ra trás...

Pinhão novo... — Tinha nôjo...

Merc'ó queijo saloio... — Vou p'rós queixos ó saloio...

A 25 o selamim, quem quer azeitonas novas... — Se no dia 25 estiver assim, não quero ir p'ra Tórres Novas...

E muitos outros.

Alguns ditos dos vendedores, também são interessantes, e entre êles vou referir-me a alguns:

Venha abaixo e traga o tacho... — Usado por muitos vendedores.

É p'ra criada e p'ró patrão... — Dos vendedores de mexilhão.

Cá estou... — Usado pelos mesmos, mas mais moderno.

Quem apanhou, apanhou... — Dum vendedor de peixe, muito recente.

Dá p'ró rico e dá p'ró pobre... e Dá p'ra galinha e p'ró pirúm... — Dos vendedores de lotaria, que vendem números que acabam em nove ou um.

Ai que alegria... — Dum preto que vendia farturas.

Quem me tira desta alhada... — Dum vendedor de alhos.

Toma lá pinhões... — Dum vendedor de pinhões.

Ai que se eu adivinhasse... — Dum cauteleiro.

É o incógnito... — Do célebre cauteleiro fardado.

É bom e baril... — Dum vendedor de oleados e esteiras.

Ainda que seja do pente... — Duma mulher que comprava cabelo.

Vai disto que amanhã não há..., É à bicha..., Trás o retrato da Mastronça..., Dou fiados à semana..., O «Benfica» foi ó ar..., O «Sport» é o campeão... e O «Benfica» é o melhor do Mundo... — Dos pequenos ardinias.

Muitos artigos eram apregoados em quantidade, como vou mostrar:

Córteirão de pimentos...

O par de melancias...

O par de melões...

Merca dois repolhos...

Merca dois pepinos...

Ai o cabaz de morangos...

Merc'á dúzia d'ovos...

Agriões, vinte molhos um vintém...

A tomatada é p'rá caldeirada...

Alface braçad'é reis...

É da horta de Sacavém, quatro alfaces um vintém...

Córteirão de tomates... etc., etc.

Claro que, só vendiam a quantidade que se queria comprar.

Mas há mais, e não menos interessantes:

As laranjas, eram da China e de Setúbal...
 As amoras, eram da horta e frias...
 As castanhas, foram sempre quentes e boas...
 Os pêssegos, foram sempre de Colares...
 As favas vendidas ao amanhecer, eram ricas...
 Os morangos, foram sempre de Sintra...
 A loiça de fôlha, foi sempre boa e barata...
 Os alhos, nunca eram velhos...
 As azeitonas, foram sempre novas...
 O azeite, era doce...
 Os ovos, sempre foram saloios...
 As melancias, eram sempre, à faca...
 O petróleo foi sempre, marca Lino...
 Havia homens, que só compravam ferro-velho, embora comprassem de tudo...

E ainda mais casos semelhantes havia, mas não me ocorrem.

E para terminar êstes reparos, vou ainda dar conhecimento a V. Ex.^{as}, de mais uma factó:

Ê que muitas coisas que se vendiam e vendem nas ruas, têm a sua marca registada, como diz a voz do povo:

Por exemplo:

A carqueja, tinha a marca registada: ió... ió...
 As melancias, têm a marca registada: ié...
 Os morangos, têm a marca registada: ié... ié... ió... ié...
 O mexilhão, também tem marca: iérrr... iérrr...
 A amora da horta, tem a marca: ió... ié...

Parece estranho e esquisito até, que houvesse ou haja pregões em que se empreguem estas interjeições, mas quem recordar a maneira como eram feitos êstes pregões, verifica que era assim mesmo.

Houve também e há ainda uns pregões, em que os vendedores dizem umas coisas e parecem dizerem outras, podendo indicar alguns, entre os quais, os seguintes:

Uma mulher que há quarenta anos, vendia louça preta, parecia dizer: Corto cabeças...

Um azeiteiro que na mesma época vendia petróleo, parecia dizer: O' coitadinho de ti, Tom...

O mesmo a vender azeite, dava-nos a idéia de dizer: O' quezum bó que tó lim...

Recentemente, ouvi-se aquê que ao apregoar o *Diário de Notícias*, diz-nos:

Já me disse...

E assim sucessivamente...



E agora vou falar a V. Ex.^{as}, sôbre a indumentária de alguns vendedores, dos quais já desapareceram muitos, e outros ainda se mantêm ou vieram há pouco.

Começo pelas floristas do Rossio, que em 1927-28, usaram batas brancas, que lhes ficavam muito bem, como ficava muito bem ao local, aquelas bancas, tôdas iguais, com toldos do mesmo padrão, e não sei porquê, ou por outra, porque não interessa, foi «sol de pouca dura»; mas em compensação, vieram as outras vendedeiras, as actuais, com as batas azuis, que, vão mudando de côr, e algumas têm a côr de «certo animal, quando foge», usam também uns «souquetes», que tanto são isso, como são uma meias velhas enroladas, o que tudo lhes fica muito mal.

As floristas são de género diferente das de 1927-28, e as mesas ou bancas, também não são tão bonitas.

Segue-se a «Dama Vermelha», que entregava prospectos e vendia coisas, como o «jornalinho», sabonetes, etc., que vestia de vermelho, desde os pés até à cabeça.

Depois, os antigos turcos, que vendiam panos e tapetes, julgo que do seu país, que vestiam guarda-pó, calças curtas... e carapuço vermelho.

Os chineses das ventarolas (homens e mulheres), que também venderam bijouterias, trajando à moda do seu país, fazendo, os homens, os primeiros que aqui apareceram, uso de «rabichos».

Os vendedores de fazendas nacionais e espanholas, que vendiam, como sendo inglesas ou americanas, que vestiam de azul, o fato, a camisola, o boné, em cuja camisola traziam bordadas, duas bandeiras, do país que mais lhes convinha.

Os antigos aguadeiros, vestindo fato de ganga, com uma espécie de jaqueta ou jaléca, e boné de pala, que formava dos lados, dois ângulos rectos.

Os azeiteiros, que em tempos idos, vestiam de ganga, tudo cosido a linha branca, usando alguns, botões brancos, e trazendo na cabeça, um gôrro de peles.

O antigo vendedor de bolos, conhecido por «Oiça, Tia Maria», que vestia guarda-pó cinzento, meias mangas, avental e barrete brancos, que mais parecia um cozinheiro.

Os espanhóis das rendas, barquilhaes e conserta chapéus de sol, vestindo veludo ou bombasina, e a respectiva boina ou gôrro, muito usado na sua terra.

Os engraxadores, que deviam usar, mas não usam, fato-macaco, em ganga ou zuarte, como lhes é determinado pela respectiva Postura Municipal.

Os vendedores de farturas, que vestem fato-macaco branco, com o espaventoso emblema dourado no boné, e polainas pretas.

Os vendedores de gelados, que vestem da mesma forma.

Os antigos vendedores de jornais, nos quais predominava a camisa de flanela, aos quadrados verdes e castanhos, e barrete preto.

Os leiteiros e padeiros, que em dias de domingo e dias santos de nomeada,

vestiam calça branca ou alvadia, cinta de côr azul, rosa ou rôxa, bota dum amarelo-canário ou sandália de cabedal (bezerro), e barrête verde ou boné.

Alguns vendedores de lotarias, que, especialmente quando das grandes extracções, arranjavam maneiras muito esquisitas de vestir, como o casaco do avesso, vindo depois o cauteleiro «fardado», vestindo um bom e bem talhado fardamento e boné de pala, com um emblema espalhafatoso, como espalhafatosa era a faixa de cabedal, com letras douradas, que lhe cruzava a frente do tronco, e outros mais recentes, fardados também, ou com simples bonés com emblemas.

Os vendedores da «bolacha americana», que recentemente apareceram, que vestem fato ou apenas casaco branco e boné da mesma côr.

As leiteiras e vendedeiras de queijos, vestindo as lindas sáias e blusas, aquelas em número de seis ou sete, usando cintas de lindas côres e cachetés de lindos desenhos e padrões.

E por fim, as peixeiras, também de blusas e sáias, em quantidade, tudo muito garrido, cinta de côr ou preta ou mesmo corda, levantando a sáia; chapéu redondo, de dois modelos, descalças ou calçando elegantes chinelas ou tamancos, com caprichosos desenhos, pintados ou com linha.

E muito mais, vestiam e vestem de maneira a tornarem-se notados, mas que de momento não me recordam.

E falar-lhes-ei de tipos populares, que tantos foram, e alguns muito interessantes, e que ao recordá-los, transporto-me com saúde a umas dezenas de anos há muito afastados.

Entre êles citarei, por exemplo:

O homem dos abat-jours, que se tornou popular, pelo pregão e pela alcunha que, nós, os rapazes dêsse tempo, lhe pusemos: Levas pancada da mulher...

O aguadeiro, o único que apregoava de maneira diferente dos outros, que ao apregoar, dizia que, «enchia o pote».

O homem que ao apregoar os alhos, pedia que o «tirassem daquela alhada».

Os vendedores de amendoim torrado, com os seus barcos de fôlha ou zinco, de cujos canos, saía muito fumo, feito com apáras de madeira.

Os rapazinhos que vendiam; amora da horta.

E também o homem que vendia cabritos, e que ao apregoar, parecia dizer uma frase muito engraçada, mas que não posso imitar.

E o que vendia canários (galêgo de origem) que se tornou popular, devido ao seu pregão e à robustez dos seus pulmões, o que se verificava, ao apregoar.

E a velhinha, muito encarquilhadinha, que num pregão muito fino e dolente, apregoava pelo Bairro Andrade, os seus «galuchos».

E não menos popular foi o azeiteiro, de que já falei, que apregoava de maneira que não se compreendia, ou parecia dizer outra coisa.

E populares foram também, a tia Rosa e o tio João, mulher e marido, ambos de pulmões de aço, que vendiam azeitonas; ela com o seu: Cá estão novas... Cá estão novas..., e êle com o seu bem pronunciado: O'ier azeitonas novas...

E ainda o homem das «broínhas de milho», que se tornou popular, devido ao seu pregão e à alcunha que tinha: «mataste a mulher à fome».

E também o espanhol, conhecido por: Oiça, tia Maria.

E não menos popular foi o alemão, que deu nas vistas, por ser anão e por carregar muito nos rr, quando apregoava os «suspírrós» a cinco rái e dé rái.

E o E'les, ó Teles, ó Pastéles — como era conhecido um vendedor de bôlos, que vendia na Praça do Comércio. De falas e gestos efeminados, muito mal educado e que se encontra internado na Albergaria de Lisboa.

Também foram muito populares as duas manas, que compravam cabelo; uma cantando um pregão muito seu, sem imitadores; e a outra a perguntar, mas à guisa de pregão, se tinham cabelo para vender, tratando ambas nos seus pregões, tôdas as senhoras, por meninas.

E aquêlé galeguito, que consertava chapéus de sol e deitava gatos, que para apanhar umas moedas, cantava a canção do Trópe-li-trópe.

E no seu tempo, por não haver outro, foi popular, o engraxador, que muito asseado e não menos correto, percorria as ruas, com uma vitrine, muito arranjadinha, onde trazia atacadores, graxa e pomada (que pouca era então) e um dispositivo na vitrine, para o freguês colocar a bota, e digo bota, porque então eram raros os sapatos, o que se via, só nos saloios ou provincianos.

Foi ainda popular a galega (a única) que pelos mercados do Campo de Santana e depois no da Ribeira Nova, vendeu farturas, apregoando: ácádar... ácádar, e, talvez por vender farturas, morreu com fartura de anos...

Também foi muito popular o ferro-velho, que era velho também, mas tinha um pregão como nunca ouvi outro, tão bem pronunciado e com tão fina música.

E também, uns velhos (homens e mulheres) vendedores de plantas e flores, que gostavam todos tanto de vinho, como tôda a gente gostava dos seus lindos pregões, que eram lindos a valer, com uma música, que no género, não havia igual.

E foi muito popular também, o «Velho Portugal», (como era conhecido) devido ao seu tipo e barbas brancas e fartas, que vendia sinas, histórias e almanques. Fôra antigo marinheiro, e há pouco ainda, estava internado no Albergue dos Inválidos do Trabalho.

Não menos popular foi aquêlé homem, que vendia hortaliça, pelas avenidas novas, que tudo apregoava e dizia em verso, e talvez por isso endoideceu, dando entrada num manicómio, onde faleceu em 1942.

E uma colega sua, que vendia como aquêlé, com uma carroça, puxada por um animal, e que todos os dias trazia um chapéu novo (velho, já se vê) dados pelas freguesas, tendo-lhe passado pela cabeça, chapéus de tôdas as modas, épocas, tamanhos e feitios, alguns dos quais a vendedeira colocava com muita graça, sempre acompanhada de gestos e esgares.

E a «Charuta», viúva do «Charuto», outro tipo popular, mas de que não vou falar aqui, a qual para respeitar a memória do marido, passa parte das

noites nos calabouços das esquadras, e vende com um pregão muito da sua auctoria, as escovas «mais baratas que na loja», e que pelas suas graças e lágrimas, recordando o seu alcoólico espôso, que Deus lá tenha em sua santa guarda, como ela diz lacrimosa, se tornou também popular.

E o cauteleiro que há próximo de 40 ou 50 anos, vendia pela Mouraria, as suas cautelas, cantando em boa música, aquêl conhecido verso:

*Ó meninas desta rua
Cheguem tôdas à janela;
Se quizerem ser felizes,
Comprem-me esta cautela.*

E o «Santa Casa está roubada», muito popular, também na Mouraria, onde vendia as suas cautelas, vigésimos e bilhetes, com um pregão muito seu, que mais parecia uma ladaíinha, e tão interessante, que deu lugar a imitações e a uma cançoneta, que ouvi cantar há muitos anos, numa sociedade de recreio, e que também foi imitado em alguns teatros. Está internado no Albergue da Mitra e muito velhinho.

O Menino do Castelo, que durante muito tempo, serviu de gáudio a peixei-ras e meninas novas, e também a homens sem coração... que o faziam zangar, mas que êle atendia sempre, com o seu sorriso de tarado, agrupando à sua volta, dezenas de pessoas, cantando entre outros, estes versos:

*Anda daí gaja boa,
Par'á paróda, p'rá renação.
Anda daí se tu queres
Povar o vinho de dostão.*

*Eu nãõ quero ir contigo
Po'que me dói uma péna.
Anda daí se tu queres
Povar o vinho desta tabéna.*

Sempre alegre, quando as raparigas lhe prometiam casamento, e triste quando não fazia negócio; nestas ocasiões até chorava, com as cautelas na mão.

Morreu, decerto, farto da vida, em 1925, fazendo-lhe o funeral, ao que consta, o cambista Condeixa, levando-o ao cemitério, uma enorme multidão de raparigas que foram tôdas, suas noivas... e muitos moradores do Castelo e Mouraria; e, tanto nuns como noutros, havia lágrimas.

Que a terra lhe seja leve, que só lá conseguiu o que nunca teve na vida — Descanço.

Foi também popular, o Cego Manhoso ou Larga Libras, que era cego... mas via todos os rapazes, que o faziam zangar, aos quais escovava o fatinho, de vez em quando, com um cacête ou varapau, a que se encostava, quando apregoava as cautelas e recebia esmolos.

E outro cauteleiro, conhecido pela alcunha: A'i que se eu adivinhasse, — que lhe provinha do pregão, e que trazia em miniatura, e no mesmo metal, a imitação do mecanismo que existe na Santa Casa, e onde se faz a extração dos prémios.

E popular foi, o «Cauteleiro fardado» ou o «Incógnito», de que já falei.

E o «Pepe», espanhol, que era anão, e vendia ovos pelo Bairro Alto e Santa Marta, e com gestos efeminados, conduzia à cabeça, a cêsta, a qual, devido ao seu esquisito andar, se rebolava tanto, que qualquer pessoa se admirava como a cêsta não caía. O seu pregão, provocava a hilariedade a tôda a gente, e mais ainda aos rapazes, que o perseguiram e de quem êle se defendia à pedrada.

Popular foi, também, o velho Carvalho, pantomimeiro, que entre tantos outros, marcou a sua época, talvez por ser o primeiro ou um dos primeiros, no género, que ali no Largo de São Domingos, vendia o Elixir Verdier; o produto químico que se incendiava com humidade, e do qual êle contava uma história ou anedota, tão pouco decente, que se fôsse hoje, já não a contaria ou já teria ido passar um ou mais dias num dos quartos do antigo Convento de São Francisco ou da Parreirinha. Vendia também, muito mais tarde, a pedra dentária, e durante muitos anos, apresentou ao respeitável público... os anéis e o leque da sua avó, e também as medalhas de cortiça, que numa moldura eram encimadas com as pomposas palavras: *Ao mérito*, e os calos também de cortiça, que eram quási tão grandes como a «légua da Póvoa»...

E também foi popular, aquela velha peixeira, salgada desde os pés até à cabeça, que só vendia peixe salgado, numa roda, que parecia um fundo de barrica, como algumas peixeiras usavam naquêle tempo, e que se zangava muito com os rapazes quando a chamavam: «Peixeira da Casa Real».

E populares foram aquêles saloios, pai e filho, que, com uns pulmões de aço, apregoavam queijinhos da sua região, e que, eram considerados por tôdas as pessoas, freguesas ou não, nos bairros onde vendiam, por serem pessoas delicadas e tratáveis, e que eram os únicos vendedorse no género e na maneira como apresentavam a mercadoria, em belos cavalos, conduzindo ceirões. Estou a vê-los ainda, altos como tórres, acompanhando qualquer dêles, animais de boa estampa, e com uns pregões, que quási se ouviam a um quilómetro de distância.

Na venda de refrescos ou água, foram populares, entre outros, o «Águas», que, durante muitos anos, vendeu água no Coliseu dos Recreios, e que faleceu há pouco.

Foi também popular o «Apanha a vaca», um velho muito feio, de queixo saliente, que ornamentava a seu gôsto e com muito luxo, a sua mesinha de capilé.

Terminou os seus dias, vendendo cautelas.

E também o foi, a mulher que vendia meias e peúgas, que se zangava muito, quando lhe perguntavam se levava roupa de homem...

E o «Serradura», que sempre, sempre, embriagado, passava às portas dos estabelecimentos e perguntava com voz roufenha e avinhada: Serradura é preciso!

e ia andando sempre. Ao vê-lo, tôda a gente tinha a impressão de que via moverem-se duas bengalas ou um esqueleto, tal era o seu estado de magreza.

E quem não conheceu, o também popular, homem do painel, que movimentando o grande bigode, em qualquer rua ou largo, vendia livrinhos e fazia grande propaganda, convencendo o povinho a acreditar, que predizia o futuro de tôdas as pessoas.

E quantos mais haveria e haverá, mas, por agora, não me recordam.

E agora vou referir-me aos vendedores que desapareceram:

Morreu o homem dos abat-jours, e não voltou outro que o igualasse.

Desapareceram os vendedores de fósforos conhecidos por «espera galêgo», talvez porque êstes se queimaram todos.

Talvez se afundassem os barcos, em que se vendiam os amendoins torrados.

Partiram-se ou queimaram-se as bengalas, que aos domingos e dias santos, se vendiam ali no Largo de Camões, hoje Praça de D. João da Câmara.

Morreram os homens dos «pirilampos», com as cafeteiras, vendendo um líquido a que chamavam café... as garrafas de aguardente, e ainda o cêsto com os copos e chávenas, aturando os ébrios e tresnoitados, desde as primeiras horas da noite até alta madrugada nos bairros freqüentados pela «fina flor» de Alfama, Mouraria, Bairro Alto, Trabuqueta, Baixa, etc..

Também desapareceram os aguadeiros, cuja história do seu passado e função, é muito interessante.

Raro se vêem os carros de quinquilharias, que a Postura Municipal de 9 de Agôsto de 1926, afastou da Baixa.

Quási só nas feiras e arraiais, se vêem hoje as mulheres das rifas, com o seu mentiroso: «sempre sai..., sempre sai...», porque vária legislação, dá providências nêsse sentido.

Desapareceram também, felizmente, por imposição da polícia, os saltimbancos das ruas da cidade.

E que desgosto nos dá... o desaparecimento das carroças de mão, que durante alguns anos, depois de 1919-20, vendiam bacalhau, em volta da Praça da Figueira, quási sempre com um cheiro que condizia com o baixo preço.

E que saúde, nós temos das outras carroças, como aquelas, e que pelo mesmo processo vendiam queijos na Baixa e na Feira da Ladra, cujo estado de conservação, deixava muito a desejar.

E já antes da falta do azeite, pouco se viam e agora desapareceram, os azeiteiros muito interessantes, com as suas latas conduzidas a dôrso ou em cangalhas, nos burrinhos.

E por determinação camarária de 27 de Janeiro de 1930, desapareceram os homens que vendiam miudezas de vaca e de vitela.

E sem mágua alguma, vimos desaparecer os homens que vendiam em burros, cabeça de porco e chispe.

E nunca mais vimos os homens, que aos domingos, vendiam os brinquedos a cinco e a dez réis.

Há muito passou à Eternidade, o «Oiça, tia Maria», com os seus bolos e torrão de alicante.

E a mulher das arrufadas de Coimbra, tão asseada e com o seu pregão cheio de sentimento?

E a outra, que com o marido, (bons velhotes!) vendiam as queijadas de Sintra e os bolos do Bom Sucesso?

E as duas manas que compravam cabelo?

E o homem das broínhas de milho e das quentinhas d'erva dôce?

E a velhinha que vendia «galúchos»?

E o homem, que pedia aos «meninos» que chorassem para a mãe comprar um largarto?

E o homem que, à noite, ali na Rua Barros Queiroz e na Rua da Palma, vendia as «Coisas Boas... — Quem as quer boas»?

Cresceram e fizeram-se velhos, os rapazes que vendiam carqueja a vintém dois molhos...

Já estão fechadas, aquelas cartas abertas, que em grande alarido, se vendiam outrora pelas ruas da cidade.

Tornou-se em prata, talvez, todo aquêlo cobre que as mulheres trocavam.

Desapareceu o único e delicado engraxador, que muito correcto e bom, engraxava os engraxadores de hoje.

Tornaram-se, quiçá, fotógrafos célebres, os antigos fotógrafos das fotografias «à lá minute».

Desapareceram as elegantes e formosas varinas, cujo cabelo louro ou preto, lhe embelezava ainda mais o rôsto fino e delicado, que em bilhas muito polidas, em fôlha branca ou amarela, vendiam leite de manhã e à noite, e à tarde, nos seus modestos tabuleirinhos de fôlha, sôbre cêstos redondos ou compridos, vendiam queijinhos e requeijão fresco.

Foram-se também, os vendedores do «Touro», o «Gordo» e a «Mascote», a dez réis a lista; e agora só se ouve o tradicional: «Ó ver, ó rebater», ou o «Ó ver a listra jaral»...

E onde estarão os espanhóis dos bordados e rendas, que eram o encanto das noivas e das donas de casa?

E há quantos anos desapareceu também, aquêlo vendedor, cujo pregão cadenciado, se tornou tradicional, e que vendia: agulhas e alfinetes, palmatórias e castiçais.

Morreu, e não houve outra ainda que a substituísse, aquela velha côxa, de Midões, que vendia louça preta.

E as outras, que vendiam louça de fôlha, boa e barata?

E também aquêlo espanhol dos: óculos e lunetas?

E os homens que, em ceirões forrados de lona, conduzidos em burros, vendiam pão de milho, também há muito desapareceram.

E desapareceram também, aquêles rapazes que obrigavam as pequenas solteiras a gastar as suas economias, comprando-lhes: bonitas colecções de postais ilustrados, bonitos e «barétos»...

E pelo mesmo motivo, foram-se os vendedores de protectores «americanos», para calçado, assim como se foi o homem que, com uma fôrma de ferro e uma forte marrêta, os pregava, mesmo nas ruas ou nas tabernas, a qualquer galêgo ou taberneiro.

Foram decerto para a Turquia, os turcos que vendiam panos e tapetes.

E os chineses das ventarolas, quinquilharias, bijouterias, gravatas, etc., quási se não vêm.

E para Espanha iriam os espanhóis, que vendiam espanadores e os das bilhas que faziam água fresca.

E também se foram aquêles simpáticos saloios, (pai e filho) que vendiam queijinhos da sua região.

E recorde ainda, que deixaram de aparecer há tempo, aquêles saloios (homens e mulheres) que todos os anos, após as primeiras chuvas, apareciam na cidade, com burros, cavalos ou carroças, e que em gritaria, apregoavam:

Olha nabos, qui é quer nabos...

Olha nabiças a vintém cada molho...

Não mais se viram, lá em cima, na Alameda de Santo António dos Capuchos, por ocasião da Semana Santa, os homens que em padiolas, vendiam as amendoas, a dois e cinco uma quarta (45 réis) e logo adiante, os homens dos capilés de cavalinho, a cinco réis; e muitas mulheres e homens, que vendiam camarões, caranguejos, santolas, amendoins, tremoços, pinhões, alfarroba, favas torradas, bolos e dôces de todos os feitios e paladares, tais como: cavalinhos, cornetas, tesouras, chaves, tambores, garrafas e almatolias, bonecos e «jesuítas» e uma infinidade de coisas e goludices, para o que todos os garotos (menos eu e meus irmãos) tinham cinco ou dez réis para gastar, enquanto que uma multidão, cheia de fé, e seguindo a tradição, entrava no saudável Asilo, hoje substituído pelo Hospital de Santo António dos Capuchos, indo rezar, de capelinha em capelinha.

E desapareceu também, a velha tradição, dos vendedores, que no passeio em frente ao Teatro Príncipe Real (hoje Apolo) tôdas as noites vendiam bolos, capilés, pevides, amendoins, fruta, etc., e onde nunca faltava com a sua mesinha de capilé, enfeitada a capricho, o popular «Apanha a vaca».

Modificaram-se os cauteleiros, que noutro tempo se apresentavam, quási sempre, mal vestidos ou andrajosos, e que depois do «cauteleiro fardado», se acostumaram a usar fardamento, ou pelo menos, um boné com emblema dourado.

Foram substituídas as mesas de capilé, com os capilés a cinco e a dez réis, limonadas a trinta réis, as bilhas onde havia água fresca a cinco réis o copo e o

capilé de cavalinho, tudo foi transformado em gelados e «esquimós», que são gelados e fresquinhos, como dizem os vendedores... E recordo agora, sem receio de desmentido, que, noutro tempo, vendia-se uma cerveja, por cada cem capilés, e agora, com a vida cara, vende-se um capilé, por cada quatrocentas ou quinhentas cervejas.

O copo de água passou de cinco réis para trinta centavos e o capilé de cinco ou dez réis, já o paguei a um escudo.

E já que estamos em maré de desaparecimentos, recordo agora, que desapareceram, os barretes verdes, as cintas, calças brancas ou alvadias e o calçado muito amarelinho, dos padeiros e leiteiros.

Morreram tôdas as costureiras, que trabalhavam para as vendedeiras ambulantes, por cujo motivo, dão os seus vestidos a fazer às modistas.

Foram cortadas as lindas tranças louras ou pretas, dos seus cabelos e a ondulação natural que era um encanto, foi substituída pela ondulação artificial.

Os cordões, as argolas e as medalhas de ouro, que as embelezavam, foram substituídas por jóias de pedras caras.

As suas saías deixaram de ter roda, e de seis ou sete, passaram a ser, uma ou duas.

As suas côres, dum rosado natural, passaram a ser feitas, por meio duma caixa a que chamam a caixa da saúde, e ainda há dias, ao perguntar a uma vendedeira, porque ia tão pintada, respondeu-me, que era para ir ao Rex... Pois então!...

E ainda há quem diga, que as vendedeiras andam descalças, porque não podem comprar calçado...

Que me perdõem, mas eu, em muitos casos, não acredito.

E por hoje, termino êste capítulo.

Mas apesar da maçada ser já grande, ainda se me autorizam, vou falar-lhes de alguns «ambulantes», que vieram há poucos anos.

Temos, por exemplo:

O funileiro à porta ou o «fulinas», que muito rufião, vai subindo uma escada, e batendo às portas, apregoa assim:

A'ô «fulineiro»...

Apareceu o «Ó graxa», que eram muito engraçados e interessantes, se cumprissem o Edital Camarário, que regula a sua função...

Vieram há anos, os brinquedos a dez tóes..., que já passaram a cinco ou mais vezes, 10 tostões, mais caros portanto, do que aquêles que eu via há muitos anos, e que por dez tostões, se compravam cem ou duzentos, conforme o preço fôsse a cinco ou dez réis.

Vieram também, as vitrines em que os cèguinhos vendem tabaco e fósforos.

E vieram mais cegos, vender para a Rua Barros Queiroz, numa lamúria

que affligia; papel para cartas, a cinco cadernos, cinco tostões; mas felizmente já desapareceram também.

Deram a sua entrada na cidade, os elegantes e alegóricos carros, para venda de gelados ou esquimaux... fresquinhos.

Apareceram os modernos vendedores e carros de farturas, que matariam de desgosto a pobre velhinha espanhola, que as vendia, apregoando: Acádar..., ácádar..., se hoje os ouvisse fazer uso duma gaitinha...

Cresceram, alindaram-se e já desapareceram das ruas da Baixa, os camarões, que há muitos anos eram vendidos, pelas tabernas, por umas mulheres muito nutridas, que pertencem ao género daquelas, que ainda hoje os vendem na Feira da Ladra e outras, e também nos arraiais da cidade e arredores, à mistura com caranguejos e santolas.

Vieram as mulheres, que vendem artigos, dum metal que parece ouro, mas não é..., como elas não são chinesas, como eram aquelas que noutro tempo vendiam artigos semelhantes.

Depois vieram os homens que vendiam e apregoavam:

Bolacha «amaricana»... Canela... Canela...

E por fim vieram também, os homens que compram chapéus e calçado velho.

E outros mais terão vindo, mas não me ocorrem de momento.

Para concluir vou recordar um dia de semana e um domingo, de há 30 ou 40 anos, supondo-o num dia bonito de sol:

O primeiro vendedor que se ouvia, era o peixeiro.

Eram então, 6 e ½ horas da manhã.

Homem hercúleo, espadaúdo, de grande bigode, descalço, camisa de flanela e cinta, que apregoava a fortes pulmões:

A salpicadinha da costa e a boa sarda «fiscal»...

Daí a pouco, a voz dolente e timbrada, da mulher que apregoava:

Fava rica...

E logo em seguida o varino, que vendia jornais, apregoando:

Secul'ó. Notícias...

E com pequeno intervalo, a donairoza varina, com o:

«I o ó leite»...

E logo se seguia o outro leiteiro, «alfacinha» e algo fadistola, que para fazer zangar a primeira, vendia o leite mais barato, dando-nos o pregão de

Leite a pataco o litró...

Pouco depois vinham as mulheres da hortaliça, que pelo mesmo processo, nos indicavam a compra de:

Couve lombarda...

Córteirão de pimentos...

Tomate saloio a 30 réis o quiló...

E pelas 11 horas, vinham as raparigas e rapazes, que no meu bairro vendiam:

A 25 o selamin, quem quer azeitonas novas...
Vinham a seguir, como pardalitos, os garotos com:
A carqueja a vintém dois molhos..., — que muito rotinhos, associavam na brincadeira com os outros da mesma idade, que vendiam, apregoando:
Ó rica amora da horta... Amora fria...
E com pequenos intervalos, vinham as mocetonas e os rapazes, saloios às vezes, que nos alegravam com os:
Morangos de Sintra, a seis vinténs o quiló...
E não tardavam outras raparigas, lindas como estrêlas, vendendo:
O par de melancias à faca...
A'i o par de melões...
Depois vinham os rapazitos, com o cêsto no braço, que numa grande cantilena, cantavam sempre três pregões seguidos:
Qui é quer limões...
Agridões, 20 molhos um vintém...
Pomada amor, a vintém a caixa...
Já começára a tarde, e aparecia-nos agora, aquela velhinha encarquilhada, apregoando numa vozita muito fina:
Merca «galúchos»...
Vinham agora as vendedeiras da tarde, que nos diliciavam com o pregão:
Pêra pérola, a três vinténs é uma dúzia..., e logo seguiam com outro:
Lindos camoeses a pataco o córteirão...
Mas também vinha o homem dos:
Pincéis p'ra cairar...
Seguido do outro que vendia:
Vidros p'ra candieiros, dois mei'tostão...
E o outro, alto como uma tôrre, que apregoava:
O'lha toalhas, a três e a quatro vinténs, p'rá cabár...
E logo a filha dêste, que sempre o acompanhava, nos fazia nervos, com o seu pregão, fino como uma agulha:
Quem quer garrafas de três «solitros», a vintém...
E logo da esquina próxima, surgia aquêle, cujo pregão, suave e cadenciado, já mais esquece:
Copos e garrafas, palmatórias e castiçais..., que ligava com o outro:
Aguilhas e alfinetes...
E mais e muito mais, vendedores e vendedeiras, vinham deliciar-nos com a música dos seus pregões.
Era meia tarde. Vinham as vendedeiras que traziam mocidade e alegria, pois já fizeram a venda da manhã, e agora apregoavam:
Figuinhos da capa rôta...; ou: Quem quer figos, quem quer merendar...
Regressavam agora, alegres e felizes, as que tinham feito boa venda, e terminada esta, lá iam apregoando o resto, cantarolando, mas parecia que apregoavam melhor.

Se fôsse inverno, a estas horas ouviria-nos outra vendedeira que não deixou imitadores, apregoando:

O'lhós ricos marmelos, assados no forno, ou as: Ricas gambôas assadas...
Anoitecia e chovia agora.

A chuva batia forte, nas vidraças, como se fôra bagos de areia grossa.

Passava na rua, mal enroupado, e sacudindo de vez em quando, a aba do chapéu, dava-nos um pregão próprio da hora tardia:

Iérr... iérr... mexilhão...

Mais tarde ainda, muito mais tarde mesmo, ouviamos o último.

Era o vendedor de jornais, que apregoava, com tão linda música, que no género, nunca ouvi outro:

O'lhó Correio da Noite, o Liberal e Combate...

De longe, um rapioqueiro gritava-lhe:

Desvia-te que és côxo...

E logo o homem dos jornais, lhe respondia numa muito longa e musicada voz, como musicado fôra há pouco o seu pregão:

Anda p'ra estrada, Russo...

Para quem nunca assistiu, isto pode não ter importância, mas quem como eu, ouviu e presenciou esta e outras cenas semelhantes, não se esquece com facilidade, dos tempos idos, e recordando-os, sente vontade de voltar a trás.

Senhoras e senhores.

Se quereis fazer uma ideia do que foram os pregões doutro tempo, passai uma manhã, entre as nove e as dez horas, pelas ruas da Mouraria e Benfornoso, e ouvireis a Maria, que foi linda, quando vendia leite e queijo fresco. Segui-a de perto e ouvi-la-eis, que passa com o seu «burrinho», vendendo hortaliça, e encantando-nos com o seu pregão, faz-nos recordar uma época que já passou, há próximo de trinta anos.



Aos domingos, além dos vendedores que vinham ao dia de semana, vinham também os que, só vendiam naqueles dias ou em dias santos de nomeada.

Eram os vendedores, que destinavam o seu comércio aos rapazes.

O primeiro que aparecia, era o espanhol conhecido por: Oíça, tia Maria, visto ser assim que êle iniciava o seu comércio, onde quer que estacionasse.

Logo em seguida vinham os homens, quási sempre com aspecto miserável, no vestir e na barba, que nunca faziam ao domingo, vendendo brinquedos para as classes pobres, e lá iam apregoando:

Cinco reis cada bola...

Cinco reis o passarinho...

Olhó capelinho...

Dé reis cada moínho...

O'lhó lagarto...

O'lhó passarinho d'Angola, que não faz isto nem aquilo... dentro da gaiola...

Recordo-me tanto, que parece que estou a ver, aqueles «mimos», que me davam sensação de alegria, (só de os ver), pois nunca tive o prazer de comprar, embora algumas vezes brincasse com alguns, pois há amigos em tôda a parte e em todos os tempos.

Que lindos papeis, de côres tão variegadas. Que lindas bolas, suspensas por elásticos. Que moínhos, com um papel tão brilhante. E então os de dez reis, em cartolina branca e baça, eram belos. E as asas dos passarinhos, tão brilhantes.

Que saüdades eu tenho de tudo isto!

Já o relógio batera o meio dia, e agora aparecia o anão, que apregoava os suspirros, a cinco rái e dé rái...

E próximo das duas horas, vinha a outra, muito asseada no seu vestuário branco, que com voz muito fina, apregoava:

Cinco reis o suspiro...

Os rapazes como eu, diziam que era maluca, mas eu nunca a vi fazer maluqueiras.

Não tardava o rapaz da amora da horta, que além dêste pregão, nos dava outro:

Amóra fria...

Vinha também o homem que vendia lagartos, mas agora não eram brinquedos; eram bolos, do feitio dos ditos, com cada ôlho de papel vermelho, que pareciam estar vivos, o qual fazia uma cantilena assim:

O'lhó lagarto... Chora menino p'rá tua mãe comprar um lagarto...

E outros e muito mais vendedores vinham, para alegria dos que podiam comprar brinquedos e goluseimas, deixando tristes, aqueles que só os viam nas mãos dos outros.

Entre estes, passavam, é claro, os vendedores dos dias de samana, e como era domingo, todos êles, de roupas lavadas, remendadas ou novas, faziam outra vista.

Predominava nos homens, a calça branca ou de cotim alvadío, barrete verde e bota, dum amarelo muito claro, sem faltar a corrente, que raras vezes era de prata.

As mulheres e as raparigas, de blusas, sáias, aventais, lenços e tudo, recendia a novo.

Algumas usavam cinta.

E sôbre tudo isto, lá estavam as argolas, os cordões, as medalhas e outros enfeites, que nunca eram de prata.

Eram as raparigas da fruta, da hortaliça, das azeitonas, dos morangos, das melancias, de tudo, enfim.

Eram mais lindas ao domingo e apregoavam melhor...

Onde está êsse tempo, Santo Deus!

Pela tardinha, apareciam as garotas, muito arranjadinhas, (algumas eram

varinas), com o seu alguidarinho de barro, e trazendo neste, para servir de medida, um brinquedo também de barro, com que outras da mesma idade, brincavam à mesma hora, iam apregoando:

Tremoço saloio...

E já quando o sol se dispunha a desaparecer, fechava a série dos vendedores de domingo, um velhinho, esquelético, de côr macilenta e quási cego, que descia da antiga Carreira dos Cavalos, (hoje Rua Gomes Freire), passava pelo Campo de Santana, voltava ao Paço da Rainha, (hoje Largo do General Pereira d'Eça), sempre à mesma hora, o mesmo caminho e o mesmo pregão, que infundia tristeza, pela suavidade e pela linda música que traduzia, dava-nos para saborear, e hoje me intristece, o lindo pregão:

Qui é quer burrié cosido...

A distância, ali no jardim, onde alguém há muitos anos, cantou cheio de saüdade a quadra:

*Adeus Campo de Santana
Não és Vila nem cidade,
És um jardim de flores
Onde brilha a mocidade.*

Ranchos de garotas fazendo roda, cantavam uma canção, que começava assim:

*Muito chorei eu,
No Domingo à tarde.*

E adiante noutra roda, ouvia-se a terminação doutra quadra:

*Leva-me esta carta,
Ao meu namorado.*

Recordar tudo isto, é sentir a tristeza a invadir-nos o coração.

São tão raros os vendedores, que nos dão lindos pregões, que hoje, quando um ou outro aparece, (mas são tão poucos), apregoando com voz suave ou não, mas com linda música, eu fico, como que fascinado, e num momento, recordo um a um os lindos pregões de outrora.



Terminei, minhas senhoras e meus senhores.

Fui maçador, e fiz uma descrição que interessou pouco, mas diz o ditado: Quem dá o que tem, não é a mais obrigado.

Peço pois a V. Ex.^{as} que me perdõem, e agradeço-vos, terem-me aturado.

EXPOSIÇÕES



GRÁFICOS

Recortes, letras em madeira e cortiça
Trabalhos de Carpintaria e Marcenaria

TEL. 21483 ◆ 42, RUA DA VINHA, 42-A ◆ LISBOA

FRIGORÍFICOS ELECTROLUX

||| Adquira já um Frigorífico para
que no verão e sempre possa
gostar das vantagens de ter |||

Comidas sãs e bebidas frescas

A ELECTRICIDADE, GÁS OU A PETRÓLEO

— VENDAS EM PRESTAÇÕES MENSAIS —

Peça o catalogo dos vários tamanhos
ou visite a nossa Exposição.

ELECTROLUX LIMITADA

LISBOA

AVENIDA DA LIBERDADE, 141 — TELEF. 28246



PELOS TEMPOS QUE VÃO CORRENDO...
...AINDA SE PODE CONTAR COM O
FORNECIMENTO DE ELECTRICIDADE.

ATÉ HOJE, A ENERGIA ELÉCTRICA TEM CONTI-
NUADO A SER O COLABORADOR MAIS FIEL,
MAIS ÚTIL E MAIS CONSTANTE

Em sua casa, já V. Ex.^o
se habituou a que lhe
falte ora uma coisa, ora
outra . . .

Mas que arrelia, se por
falta de carvão, se visse
privado de electricidade

BEM CERTO É QUE OS BONS AMIGOS
SÓ SE AVALIAM VERDADEIRAMENTE
QUANDO NOS FALTAM

C.^{AS} R.^{AS} GÁS E ELECTRICIDADE

LISBOA — 1944

CAPITAL E RESERVAS
EM 31 DEZEMBRO 1943
ESCUDOS 52:503.863\$44
SEGUROS EM TODOS
O S R A M O S

COMPANHIA DE SEGUROS
TRANQUILIDADE

FUNDADA EM 1871

PÓRTO — Rua Cândido Reis, 105

EDIFÍCIO PRÓPRIO Telefone P. B. X. 867 e 967

LISBOA — 39, Rua Augusta, 41

EDIFÍCIO PRÓPRIO Telefone P. B. X. 25114/6

COIMBRA — Rua 8 de Maio, 5

Telefone 2001

ABRANTES — R. Avelar Machado, 19

COVILHÃ — R. Visc. de da Coriscada

ÉVORA — Rua Serpa Pinto, 23

ANGOLA — Isidro Teixeira - Luanda

MADEIRAS

Importação directa de casquinha, pitch-pine, carvalho, nogueira americana, faia, mogno, macacaúba, freijó, pau santo, etc.

Madeiras contraplacadas

Unicos fabricantes do País
Marca registada **SEVERO**

Aduelas e Arco de Ferro

Em todas as medidas para tanoaria
no nosso armazém do Poço do Bispo

Torrens & Marques Pinto, LIMITADA

Rua Vasco da Gama, 33 a 37

L I S B O A

TELEFONES :

60176, 60177 e 60178 P B X

TELEGRAMAS :

FLORESTAL

«Ocidente»

REVISTA
MENSAL
PORTUGUESA

Director: **ÁLVARO PINTO**

Preços das assinaturas por ano
com direito aos números especiais

Portugal 120\$00

Brasil 120\$00

Colónias Portuguesas . . . 125\$00

Estrangeiro \$7 (ch.)

Rua do Salitre, 155 — Lisboa
PORTUGAL

Companhia Colonial de Navegação

SERVIÇO DE CARGA E PASSAGEIROS

Funchal, S. Tomé, Sazaire, Luanda, Pôrto Amboim, Lobito, Mossamedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique e para mais portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeitos à baldeação em Luanda e Lourenço Marques.

LINHA RÁPIDA DA COSTA OCIDENTAL

SAÍDAS MENSIS REGULARES, COM ESCALA POR:

Príncipe, S. Tomé, Ambriz Luanda, Pôrto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Benguela e demais portos da Costa Ocidental, sujeito a baldeação em Luanda.

LINHA DA GUINÉ

SAÍDAS MENSIS REGULARES, COM ESCALA POR:

S. Vicente, Praia, Bissau e Bolama.

LINHA DA AMÉRICA DO NORTE

Vapores de passageiros

«Serpa Pinto»	8.267 ton.
«Mousinho»	8.374 »
«Colonial»	8.309 »
«João Belo»	7.540 »
«Guiné»	3.200 »

FROTA

«Lugela»	8.340 ton.
«Huambo»	7.060 »
«Luango»	7.056 »
«Pungue»	6.290 »
«Bailundo»	5.650 »
«Malange»	5.050 »
«Lobito»	4.200 »
«Buzi»	2.160 »
«Sena»	1.420 »
«Micondó» (costeiro)	270 »

LINHA DO BRASIL

Vapores de carga

ESCRITÓRIOS: LISBOA PÓRTO

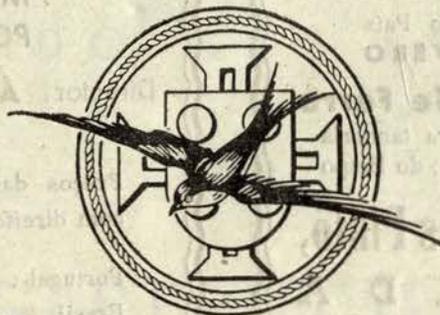
Rua do Instituto Vergílio Machado, 14
(à Rua da Alfândega)
TELEFONE 2 0052

Rua Infante D. Henrique, 9
TELEFONE 2324

DOMINGUEZ & LAVADINHO, LD.^A

PAPELARIAS
nacionais e es-
trangeiras

**TINTA DE
ESCREVER**
nacionais e es-
trangeiras



FÁBRICA de
sobrescritos ma-
nipulação de pa-
péis de escrever
e sacos de papel
**PAPEIS QUIMI-
COS**, Lápis artigos
de escritório e de
desenho

SEDE: Rua da Assunção, 79 a 85 e Rua dos Sapateiros, 135 a 143

TELEFONES: 25201/02

FABRICA: Av. Casal Ribeiro, 18 a 24 — LISBOA

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Em 1881, há 63 anos

a EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

constituíu-se com dois vapores no total de 2.538 toneladas;

Em 1918, sucedeu-lhe a

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

que explora hoje cêrca de 86 mil toneladas e

AO SERVIÇO DO IMPÉRIO

leva o nome de Lisboa a todos os mares do Mundo

TELE { FONE: 58 136
GRAMAS: MALHAS



CÓDIGOS { ABC 5.ª EDIÇÃO:
RIBEIRO

MARCA REGISTRADA

SIMÕES & C.ª, LIMITADA

AVENIDA GOMES PEREIRA — BENFICA

FUNDADA EM 1907

A mais importante Fábrica de artefactos de malha do País. Fabricação de meias, peúgas, camisolas e roupa de malha para homens, senhoras e crianças, em algodão, lã e sêda

CRIADORA DA BEM CONHECIDA E ACREDITADA MEIA «SUPER KALIO»

E DAS ROUPAS «SUPREMA»



COMPANHIA ALCOBIA
ALCOBIA

Fornecedores dos melhores
 e mais lindos mobiliários

Cómodas de estilo — Porcelanas de
 Saxa — Espelhos de Veneza — Can-
 deeiros de cristal, de ferro forjado e
 de madeira — Tapeçarias — Marqui-
 settes e voiles suços — Carpetes de lã



COMPANHIA ALCOBIA

R. Ivens, 14 (esquina da R. Capêlo)

TELEFONE 26441

*Se quere RIR, mas RIR
 a valer, prepare-se para lèr*

HUMORISTROL

por GUILHERME RUBIM

A sair em breve

Edição da
 PARCERIA ANTÔNIO
 MARIA PEREIRA

OLIVEIRA & FERNANDES, L.^{DA}

DIRECÇÃO TÉCNICA DO SÓCIO
LUIS Q. CHAVES

JOALHEIROS, GRAVADORES
E ESMALTADORES FABRI-
CANTES — MEDALHAS DES-
PORTIVAS PARA TÓDAS AS
MODALIDADES E EMBLE-
MAS ESMALTADOS — FOR-
NECEDORES DO GRUPO
«AMIGOS DE LISBOA» —
PREÇOS MÓDICOS

RUA DOS SAPATEIROS, 44-3.º ESQ.
Telefone 23103 **LISBOA**

A PORTUGUESA

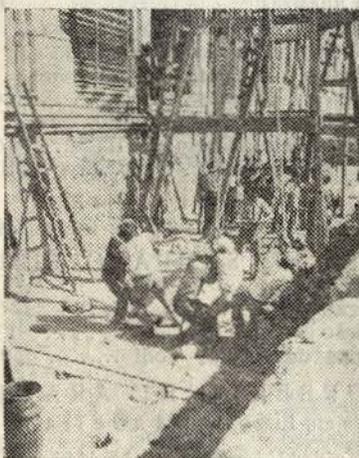
DE
PEDRO & PIRES LTD.
Calçada do Combro, 38-D — LISBOA
TELEFONE 21228

EXECUÇÃO PERFEITA DE MOL-
DURAS

EXECUTAM-SE TRABALHOS DE-
BRUADOS EM TÓDAS AS CÓRES
COLOCAM-SE VIDROS DE TÓDAS AS
QUALIDADES E TAMANHOS
LINDA VARIEDADE EM MOLDURAS
CROMADAS PARA TODOS OS FOR-
MATOS

A preços sem concorrência

Descontos especiais a todos os
"AMIGOS DE LISBOA"



*Estacas moldadas no
solo Corpo Central da
Assembleia Nacional*

FUNDAÇÕES GARANTIDAS

EMPRESAS DE SONDAGENS
E FUNDAÇÕES

TEIXEIRA DUARTE, L.^{DA}

Rua da Betesga 57-3.º — Telef. 23962

LISBOA

AMIGOS DE LISBOA

Edições do Grupo

Preços para
sócios - público

Olisipo. Dos n.ºs 3 a 14 e 16, 19, 21 e 23/4	2\$50	7\$50
» N.ºs 25/27	5\$00	10\$00
Noite de Evocação do Café Martinho (<i>esgotado</i>)		
Noite de Evocação do Leão de Ouro	5\$00	7\$50
Urbanização de Lisboa	2\$00	3\$00
A. VIEIRA DA SILVA		
A Ponte de Alcantara e suas circunvisinças	5\$00	6\$00
Os Paços dos Duques de Bragança em Lisboa	9\$00	10\$00
ALFREDO DA CUNHA		
«Olisipo» Berço do Periodismo Português	4\$00	5\$00
Arq. ANTONIO DO COUTO		
A Igreja do Menino de Deus	4\$00	5\$00
ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA (SIDÓNIO MIGUEL)		
A Igreja e o sítio de Santo Estêvão	4\$00	5\$00
Bagatelas do tempo vário	8\$00	10\$00
O Campo de Santa Clara	4\$00	5\$00
Ronda e Silva de Lisboa Velha	8\$00	10\$00
EDUARDO NEVES		
A Faculdade de Medicina	4\$00	5\$00
Igreja da Penha de França (<i>esgotado</i>)		
Ruínas do Carmo (<i>esgotado</i>)		
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA		
Casas onde, em Lisboa, residiu Almeida Garrett	4\$00	5\$00
F. A. GARCEZ TEIXEIRA		
A Irmandade de S. Lucas	5\$00	7\$50
LUIZ CHAVES		
Lisboa no Folclore	4\$00	5\$00
LUIZ MOITA		
Ermida de Santo Amaro	7\$00	8\$00
MARIA MADALENA DE MARTEL PATRICIO		
A Nossa Amiga Lisboa	4\$00	5\$00
MARIO DE SAMPAYO RIBEIRO		
A Igreja e o Convento da Graça	5\$00	7\$50
Igreja da Conceição Velha	2\$00	3\$00
NORBERTO DE ARAÚJO		
Pequena Monografia de S. Vicente.		
Edição vulgar	5\$00	6\$00
Edição especial	12\$00	20\$00
RUY DE ANDRADE		
Alfredo de Andrade e alguns problemas de Medicina cidadina	4\$00	5\$00
Edições consignadas		
Setenta Anos de Vida Activa (Monografia comemorativa do 70.º Aniversário da Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio de Lisboa)	5\$50	6\$00
Sumário em que brevemente se contém algumas cousas (assim eclesiásticas como seculares) que há na cidade de Lisboa, de Cristóvão Rodrigues de Oliveira	22\$50	25\$00
ALBERTO MEYRELLES		
Lisboa Ocidental	8\$00	10\$00
ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA (SIDÓNIO MIGUEL)		
A Festa do Adro	9\$00	10\$00
Elucidário Prático da Doutrina Corporativa	18\$00	20\$00

Preços para
sócios - público

CONDE DE ALMADA		
Relação dos Feitos de D. Antão de Almada.		
Edição vulgar	10\$80	12\$00
Edição especial	18\$00	20\$00
EDUARDO NEVES		
Lisboa na Numismática e na Medalhística	4\$50	5\$00
Lisboa nos Ex-libris	6\$50	7\$50
GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA		
Fradique Mendes — símbolo dos vencidos da vida	5\$00	6\$00
J. S. VIEIRA		
O Convento dos Marianos	4\$00	5\$00
JOÃO PINTO DE CARVALHO (TINOP)		
Lisboa de Outrora, 1.º, 2.º e 3.º vols., cada	9\$00	10\$00
JOAQUIM ROQUE DA FONSECA		
A Urbanização de Lisboa e o Comércio da Capital	10\$80	12\$00
JOSÉ DIAS SANCHES		
Aguarelas de Lisboa	6\$50	7\$50
JOSÉ PERRY DE SOUSA GOMES		
Lisboa — da sua vida e da sua beleza	5\$50	6\$00
JULIETA FERRÃO		
Lisboa 1870	9\$00	10\$00
LEOPOLDO DE FIGUEIREDO		
O Convento de Nossa Senhora dos Remédios	6\$50	7\$50
LUIZ PASTOR DE MACEDO		
A Baixa Pombalina	6\$00	7\$50
A Rua das Canastras	6\$50	8\$00
Crítica, Correções e Aditamentos, à obra «Lisboa do meu tempo e do passado — do Rossio à Rotunda», do Sr. João Paulo Freire (Mário)	4\$00	6\$00
Notícias e registos curiosos extraídos dos livros paroquiais da freguesia da Sé	6\$50	7\$50
Tempos que Passaram	10\$80	12\$00
LUIZ TEIXEIRA		
Figuras e episódios do Leão de Ouro	4\$50	5\$00
MARIO DE SAMPAYO RIBEIRO		
A Calçada da Ajuda.		
Edição vulgar	6\$50	7\$50
Edição especial	13\$50	15\$00
Luiza de Aguiar Todt	9\$00	10\$00
NORBERTO DE ARAÚJO		
Peregrinações em Lisboa, n.ºs 1 a 9 e 11 a 15, cada	7\$00	8\$00
Legendas de Lisboa	18\$00	20\$00
PAULINO MONTEZ		
A Estética de Lisboa	18\$00	20\$00
Lisboa-Alcântara / Alvito	13\$50	15\$00
ROBERTO DIAS COSTA		
A Paróquia de S. Jorge da cidade de Lisboa	7\$00	8\$00

**E todas as edições culturais da
Câmara Municipal de Lisboa**

ESTORIL COSTA DO SOL

(a 23 quilómetros de Lisboa)

CLIMA EXCEPCIONAL DURANTE TODO O ANO

PALACIO-HOTEL

Elegante e confortável

HOTEL DO PARQUE

Instalações modernizadas

ESTORIL-TERMAS

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico
— Ginástica — Cultura Física — Sala de Armas — Análises clínicas

HOTEL DE ITÁLIA

(Monte Estoril) — Boa situação

T A M A R I Z

Magnífica esplanada sôbre o mar — Restaurante — Bars

C A S I N O

Aberto todo o ano — Concertos — Cinema — «Dancings» — Restaurante — Bars — Jogos autorizados pelo Govêrno

PISCINA DE ÁGUA TÉPIDA — «STANDS» DE TIRO — ESCOLA DE EQUITAÇÃO

Informações: **SOCIEDADE PROPAGANDA DA COSTA DO SOL — ESTORIL**

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

S. A. R. L.

Capital: 22.000.000\$00 ◀ Fundos de Reserva: 99.500.000\$00

SEDE: 95, Rua do Comércio, 119 — LISBOA

Fillais — Pôrto, Coimbra, Braga, Faro e Covilhã.

Agências — Abrantes, Estoril, Gouveia, S. João da Madeira, Santarém, Tôrres Novas, Mangualde, Tôrres Vedras, Tortozendo, Moura e Figueiró dos Vinhos.

Dependências urbanas (LISBOA) — Alcântara, Almirante Reis, Conde Barão e Poço do Bispo.
(PÓRTO) — Matozinhos.

EFFECTUA TÔDAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

A Corôa de Ouro

FLÔRES PARA ORNAMENTAÇÕES, VESTIDOS E CHA-
— : — : PEUS : — : —

FLÔRES DE LARANJEIRA
— : PARA NOIVA : —

AJOUR E BOTÕES FOR-
— : : RABOS : — : —

94-R. do Crucifixo-98
Telefone 20100

Alberto Alves Natário

Encadernações simples e de luxo

Vivenda Yolanda
Bairro da Mina
AMADORA

Efectue os seus seguros na

Ultramarina

É uma Companhia Portuguesa
de Capitais Portugueses
administrada por Portugueses

AS MAIORES RESERVAS LIVRES DE TODAS AS
COMPANHIAS NACIONAIS

SEDE EM LISBOA — Rua da Prata, 108-telef. P.A.B.X.-23348/9



Bertrand (Irmãos), L.^{da}

Fotogravura
Tipografia
Fotolito
Desenho

T. Condessa do Rio, 27 — Telef. 21368-21227



Ouvivesaria da Guia

Fundada em 1875

Jóias e Ouro e Pratas e Relógios

Rua Martim Moniz, 2-10 / Telefone 28336
Rua da Mouraria, 7-11 LISBOA

CUTELARIA REIS

(NOVO ESTABELECIMENTO)

de JOAO REIS

Sempre as mais recentes novidades. Artigos nacionais e estrangeiros para brindes

CUTELARIAS — PERFUMARIAS
LISBOA - R. Ivens, 48 - Tel. 27217

CASA dos PANOS

A PRIMEIRA CASA
DA ESPECIALIDADE

Sortimento completo em
panos brancos e de cor
e em linhos de todas as
larguras

45, R. DOS FANQUEIROS, 49
(à esquina da Rua de S. Julião)